

O SER E O HAVER DAS POLÉMICAS DE ABEL SALAZAR

NORBERTO CUNHA
INSTITUTO DE LETRAS E CIÊNCIAS HUMANAS
DA UNIVERSIDADE DO MINHO

Um relance sobre a actividade cultural de Abel Salazar entre 1935-40, mostra-nos que ela sofre, relativamente ao período anterior, um importante desvio estratégico. Entre 1932 e 1934, as actividades de "extensão universitária" e de divulgação cultural em que se envolvera – exceptuando as suas conferências na Universidade Popular de Lisboa e na Associação de Jornalistas e Homens de Letras do Porto – tinham sido da iniciativa de estudantes republicanos, da sua imprensa e das suas associações (Associação Profissional dos Estudantes de Medicina do Porto, Associação dos Estudantes de Medicina de Lisboa, Centro Académico Republicano de Coimbra e os periódicos estudantis *Liberdade*, *Gérmén*, *Medicina* e *Outro Ritmo*).

A partir de 1935, embora Abel Salazar continue, ainda durante esse ano, a colaborar em periódicos dirigidos por estudantes – como a *Democracia do Sul* (Évora) dirigida por Victor Santos, o suplemento literário da *Ideia Livre* (Anadia), dirigido por Seabra Dinis e as já citadas *Gérmén* e *Medicina* (nesta irá mesmo colaborar até Junho de 1936) – passa-se para a trincheira dos "mais velhos", embora essa ponte, em alguns casos, tenha sido estabelecida por antigos estudantes (é o caso da *Vida Contemporânea*, dirigida por Cunha Leal mas tendo Vasco da Gama Fernandes a secretariá-la e a editá-la). A opção, todavia, não foi sua. O que aconteceu é que, em 1935, já os estudantes republicanos tinham perdido grande parte do seu poder contestatário. Abel Salazar não deixou, pois, de colaborar com eles deliberadamente, tanto mais que, alguns anos depois, o fará em duas revistas estudantis de Coimbra: os *Cadernos de Juventude* (1937) e a *Síntese* (1939-40).

Mas se houve inovação estratégica na colaboração jornalística de Abel Salazar, ela não trouxe consigo, apesar disso, uma inovação temática. Trouxe, porém, um alargamento e intensificação da actividade divulgadora da cultura que, em sua opinião, era a mais apropriada a uma reforma das mentalidades com vista a uma sociedade democrática.

Retomou e depurou temas que já, anteriormente, tinham sido objecto da sua reflexão – como a evolução histórica do pensamento, as implicações filosóficas, sociais e políticas da psicossomática, problemas de estética e das relações da arte com a sociedade, a teoria da história, a metafísica e a sua carência de sentido, o fenómeno religioso e a sua cristalização em religiões definidas (como o Catolicismo). Mas introduziu, também, temas novos em estreita conexão e continuidade com os anteriores, que eram como que o seu corolário e aprofundamento: o problema da filosofia em Portugal, a teoria biomecânica da história, a crise da Europa, o pensamento positivo contemporâneo (com especial ênfase no empirismo lógico do Círculo de Viena), a análise lógico-sintáctica do discurso religioso, as relações entre a Ciência e o Direito (interessante crítica às bases sociológicas do positivismo jurídico de Léon Duguit), o problema da cultura e da sua divulgação (em polémica com António Sérgio e Casais Monteiro) e, enfim, o "movimento das ideias" do seu tempo que ia passando em revista no *Diabo*, no *Sol Nascente* e na *Pensamento*.

Foram, aproximadamente, seis anos de apostolado entusiasta. As vicissitudes por que passou – como a Censura, os remoques dos adversários ou as polémicas em que se envolveu – se acaso lhe amoleceram o ânimo ou o perturbaram, não se traduziram, porém, em mudanças de sentido no rumo que traçara, pelo menos desde 1932. Por isso se pode afirmar que a sua opção por este ou por aquele periódico não foi determinada por vínculos ideológicos específicos e programáticos (não foi um seareiro mas colaborará na *Seara Nova*, não sendo comunista colaborará com comunistas no *Diabo* e no *Sol Nascente*, não sendo socialista colaborará no *Pensamento*) mas, sim, – e sobretudo – por aquilo que todos eles rejeitavam: a Ditadura, o clericalismo, um governo assente na obediência, no medo e na ignorância, as injustiças sociais, uma cultura onanista e narcísica, a subordinação da ciência a uma mundividência tutelada por valores metafísicos e/ou teocêntricos.

É este o denominador comum que constatamos nos jornais e revistas em que Abel Salazar colaborou – como *A Vida Contemporânea*, *A Ideia Livre*, *O Trabalho*, *O Pensamento*, *A Seara Nova*, *A Voz da Justiça*, *O Diabo* e *O Sol Nascente*, entre outros; compartilhá-lo, trouxe-lhe não poucos dissabores, tanto mais que o histologista portuense não se ficou pela simples denúncia do que julgava errado. Foi mais longe. Tinha alternativas e uma filosofia. E lançou-se a divulgá-las, apaixonadamente, como o apóstolo duma cruzada. Não se tratava de um elixir de bases complexas. Em sua opinião, o autoritarismo e o dogmatismo (e as suas formas organizadas como a Ditadura e

e a Igreja Católica), a ignorância e a superstição, as injustiças e violências sociais, desapareceriam, progressiva e irreversivelmente, se a visão do mundo de todos os indivíduos e de cada um se pautasse por um paradigma de conhecimento positivo e científico. Na ciência, no conhecimento do seu poder e das suas limitações, estava o segredo do desmoronamento daquele castelo de malefícios e os alicerces da sociedade futura. O mesmo pensara Comte, Renan e os correligionários do cientismo. Para cumprir este desiderato, havia que divulgá-la, sobretudo entre a população que vivia no interior do País, gente sã e de carácter, que ainda não fora atingida pelos vícios e fraquezas dos grandes meios urbanos (pelo menos era essa a gente em que Abel Salazar mais esperanças depositava para uma nova renovação da "raça" portuguesa, como no-lo diz numa carta enviada a Joaquim Madureira Braz-Burity, quando esteve internado na Casa de Saúde, em Barcelos).

A essa tarefa de divulgação cultural e de renovação mental e moral dedicou Abel Salazar grande parte da sua actividade de periodista, entre 1935 e 1940. Divulgou a psicossomática, convicto de que ela superava, sem reducionismo, o problema psicofísico, dando assim uma base científica à psicologia e, conseqüentemente, uma matriz de inteligibilidade positiva para as ciências do homem ou protociências, como a sociologia, a história, a política, a estética, etc.; divulgou o pensamento positivo contemporâneo, especialmente o empirismo lógico do Círculo de Viena, cuja filosofia – em sua opinião – exprimia a mundividência da nova microfísica (Bohr, Heisenberg, etc.) e da revolução einsteiniana e, simultaneamente, era a síntese do antagonismo histórico entre o Idealismo e o Empirismo e uma referência imprescindível à construção da moral científica pela qual se devia pautar a sociedade do futuro; criticou, asperamente, as ditaduras e o catolicismo (e todas as religiões organizadas), apelando ao seu combate e à reposição da democracia e do religiosismo indefinido, o que fez, invocando a evolução histórica do pensamento humano e a autoridade dos dados científicos – especialmente dos dados fornecidos pela psicologia, pela psicossomática, pela sociologia celular, pela teologia crítica e pela história comparada das religiões; abalçou-se à concepção e divulgação duma teoria biomecânica da História e a uma explicação da "crise" da Europa de entre as duas Grandes Guerras; mostrou as debilidades do positivismo à *outrance* numa crítica às bases sociológicas da teoria jurídica de Duguit e, conseqüentemente, os perigos dum positivismo estreito e do cientismo; expôs um interessantíssima teoria da arte onde não só considerava como sem sentido os problemas candentes da "arte pela arte" e da "arte social" mas onde mostrava, também, para além da tectónica do conceito de arte, a irredutibilidade

da emoção estética ao conhecimento científico e a sua indispensável coexistência para bem do homem e da sociedade; finalmente, empenhou-se numa cruzada virulenta, implacável e cáustica – por vezes até despejada – contra a metafísica e os seus sequazes, quer internos (como Leonardo Coimbra) quer externos (como Heidegger, Bergson e Hans Driesch).

Em síntese, foram estes os temas fundamentais da sua cruzada cultural. Difundiu-os, sobretudo, através da *Voz da Voz da Justiça*, do *Trabalho*, do *Diabo*, do *Sol Nascente*, da *Síntese*, da *Esfera* (Rio de Janeiro), do *Pensamento* e da *Vida Contemporânea*; com menor frequência, através da *Ideia Livre*, da *Foz do Guadiana* (Vila Real de Santo António), da *Democracia do Sul* (Évora), d'*O Distrito de Beja* (Beja), dos *Cadernos da Juventude* (Coimbra) e da *Seara Nova*.

1. A oposição da "união nacional".

Ao contrário do que poderia supor-se, a generalidade da imprensa conservadora e dos filósofos profissionais ignorou as diatribes e desafios de Abel Salazar; só muito raramente, e nem sempre com compostura e acerto, houve quem tenha surdido a rebatê-lo; neste número se contaram a *Acção Nacional*, de Águeda¹, o *Diário da Manhã* e a *Revista Católica*, de Viseu³. Dos três, coube ao primeiro – em minha opinião – as observações mais acertadas e perspicazes.

Reagira o autor da exautoração – Gil Braz – a uma série de artigos sobre a falência da metafísica publicados pelo histologista portuense na *Ideia Livre*. A divulgação desta questão num plano estritamente filosófico e num hebdomadário regional, considerava-a, até, uma tarefa louvável e meritória. Mas não como Abel Salazar a estava a apresentar: dogmaticamente, sem expôr argumentos para fundamentar a sua opinião, "servindo-se do prestígio do seu nome como bordão de autoridade". Era, em seu entender uma atitude desonesta; por duas razões: porque um professor universitário tinha o dever de fundamentar as suas opiniões em dados incontroversos e sólidos e porque não estava certo que se falasse de metafísica a pessoas que nunca ouviram falar dela sem indicar as razões do que se afirmava, sobretudo quando essas afirmações estavam acauteladas pelo prestígio da autoridade de quem as dizia; a não ser – aventou Gil Braz (receptivo, contudo, a uma desmentido) – que a discussão, melhor dizendo,

a exposição apologética e categórica da falência da metafísica por parte de Abel Salazar visasse mais do que um problema filosófico: tivesse uma "intenção política, escondida e subjacente", intenção tanto mais de suspeitar quanto é certo que Abel Salazar ao afirmar "a impossibilidade do homem atingir o absoluto, portanto: Deus", não só lançava ao incauto leitor a semente do agnosticismo mas preparava-o, simultaneamente, para a aceitação das concepções do mundo e da vida do materialismo histórico. O que significava que, "sob as trêdas roupagens de um pretendido artigo de divulgação científica, escondia-se a intenção reservada de adubar um terreno, que amanhã poderia possivelmente ser fértil para a sementeira de certas ideias anti-familiares, anti-nacionais e anti-religiosas!". Foram estes perigos que, segundo Gil Braz, o levaram a exautorar a doutrina subversiva do histologista portuense e a solicitar a intervenção morigeradora da Censura.

Muito diferentes foram as reacções (já citadas) do *Diário da Manhã* e da *Revista Católica*. Para pior. O alvo foram alguns artigos publicados por Abel Salazar n' *O Trabalho*. Para o matutino lisboeta, que, desde há muito, mantinha um contencioso com o histologista portuense, a sua insistente porclamação da falência da metafísica e o ápodo de "merdiflôr" com que alfinetara a filosofia de Bergson (esclareça-se que este atributo abjecto e pejorativo fora posto ao filósofo francês por Teixeira-Gomes), eram afirmações dum "malfeitor", dum "doente à procura dum psiquiatra", dum "filósofo destrambelhado" – tido na conta de um génio por discípulos estúpidos e bacocos – que utilizava a Ciência para fins demagógicos, deturpando as suas conclusões e apresentando como dogmas muitas das suas hipóteses.

Para a *Revista Católica*, a crítica das religiões feita por Abel Salazar no *Trabalho* – apelo ao religiosismo indefinido em substituição das religiões organizadas como o Catolicismo – inseria-se no objectivo mais vasto deste periódico: a subversão política; no imediato servia, porém, os intentos de todos os que lutavam pela ruína do Catolicismo e pela promoção do comunismo. A esta ofensiva – para o zeloso jornal católico de Viseu – havia apenas uma única religião a defender e contrapôr: A Católica Apostólica Romana; todas as restantes eram "produto da estragada fantasia e maldade humanas". Defendê-las era combater o Catolicismo, era estar ao lado do comunismo. Não havia meio termo: "hoje, comunista ou católico" – disse; e, em sua opinião, era "claro como água" a qual dos lados pertenciam *O Trabalho* e Abel Salazar.

Mas as maiores dificuldades com que teve de se defrontar o histologista portuense não lhe vieram das bandas da imprensa que acabamos de referir: vieram-lhe, sim, da obstrução da Censura e da crítica "construtiva"

de intelectuais que militavam do mesmo lado da sua barricada.

Vejamos alguns casos de Censura, a título de exemplo.

Em carta de 16-8-1935, Seabra Dinis, responsável pelo suplemento cultural da *Ideia Livre*, informava Abel Salazar que recebera o seu artigo sobre "a falência da Metafísica" e que o anterior que lhe enviara fora totalmente cortado pela Censura; apelava à sua paciência e manifestava a esperança de que havia de chegar o dia em que se poderia expôr o pensamento "sem reservas e sem algemas"⁴. Também Vasco da Gama Fernandes, em carta enviada ao histologista portuense, de 27-3-1936, lhe dizia acerca da *Vida Contemporânea*: "infelizmente – creio que a nossa revista expira com o próximo número, completando dois anos duma existência corajosa e ardua. A mesa censória voluptuosamente tem-se encarregado de a esfrangalhar, cortando artigos a esmo (o seu sobre "ser ou não ser – eis a questão" foi degolado)"⁵. E Anastácio José dos Santos, proprietário e director d'*O Trabalho*, intrépido republicano e homem de superior elevação moral, informava Abel Salazar, em carta de 6-11-1936: "A Direcção Geral dos Serviços de Censura à Imprensa classificou o trabalho de V. Ex.cia publicado nos dois últimos números do nosso jornal, ofensivo do *plano de morigeração* aconselhado pelo Director Geral daqueles serviços aos censores de todo o país e chamou para o caso a atenção do oficial censor de Viseu. Nesta circunstâncias agradeço a V. Ex.cia o favor de me dizer, na volta do correio, se devemos compor a continuação que tínhamos em vista, sujeitando-nos aos cortes que, porventura, o oficial censor entenda fazer"⁶.

34

Estes exemplos bastam – creio – para mostrar a férula da Censura para com os trabalhos de Abel Salazar⁷. Foi uma hostilidade surda, atenta e à sucapa. Já o mesmo não se poderá dizer das polémicas que opuseram Abel Salazar a Adolfo Casais Monteiro e a António Sérgio. Esta última foi de tal modo estridente que desatinou o histologista portuense, aborreceu, paternalmente, o "seareiro", deliciou a "união nacional" e alarmou as hostes da Oposição que se apressaram a envidar esforços para colmatar essa brecha de tomo na sua "unidade". Mas detenhamo-nos, atentamente, sobre ambas, pois quer uma quer outra são realmente etapas relevantes da vida cultural de Abel Salazar; sobretudo, são uma "chave" importante para conhecermos a imagem que dele tinham os seus pares, e o papel – nessa época altamente controverso – que atribuía aos intelectuais e à cultura.

2. As polémicas com Casais Monteiro e António Sérgio

A divulgação e vulgarização culturais efectuadas por Abel Salazar são, como sabemos, anteriores à sua demissão. Mas, antes de 1935, essa actividade utilizara mais a conferência do que o artigo de jornal e, salvo uma ou outra conferência e um ou outro texto, confinou-se ao âmbito estudantil. Depois de 1935, as coisas mudaram substancialmente. Por razões alheias à sua vontade, as conferências cederam lugar aos artigos e estes multiplicaram-se, em catadupa, saindo da órbita estudantil e projectando-se a nível nacional através de periódicos tão importantes como *O Trabalho*, *A Voz da Justiça*, *O Diabo*, *O Sol Nascente*, a *Seara Nova*, a revista *Pensamento*, etc..

Abel Salazar que era já referência importante do movimento estudantil republicano, que o tinha na conta de mestre e exemplo, passou, também, a despertar interesse entre a elite republicana que tinha assento na capital e dirigia, em grande parte, os destinos do movimento de oposição à Ditadura. Não que Abel Salazar fosse desconhecido. Não o era – não só devido ao seu mérito como cientista mas também ao seu envolvimento nas actividades culturais dos estudantes republicanos e, enfim, à sua demissão compulsiva. Não era, porém, uma notoriedade de primeiro plano. Mas passou a tê-la com a sua colaboração assídua no *Diabo* e no *Sol Nascente*.

As polémicas com Casais Monteiro e António Sérgio são quer uma reiteração, por outras vias, da questão ainda em aberto do papel do *clerc* (pese embora as análises clarificadoras de Benda e Raul Proença) quer uma tentativa, encetada, sobretudo, pelo seareiro, de disciplinar um “oficial” fozoso do mesmo “exército”, levando-o a inserir as suas acções de combate numa estratégia global. Tanto Casais Monteiro como Sérgio – sobretudo este – não põem em causa as “armas” que Abel Salazar utiliza, apenas lhe solicitam que veja *como e para quem* atira. E se esta chamada de atenção só irrompeu, em 1937, é provável, contudo, que já latejasse em ambos, desde há muitos meses, pois o início da vulgarização da caracterologia e do empirismo lógico, por parte do histologista portuense, é bastante anterior àquela data.

Foi, porém, em 1937, que ocorreu o confronto; confronto tanto mais penível quanto parece verosímil que nem Casais Monteiro nem António Sérgio pretenderam ir mais além dum debate amigável de ideias.

O litígio com Casais Monteiro, apesar da dureza de que este lançou mão (atenuada aqui e além por uma deferência circunstancial), saldou-se por uma retirada airosa de ambas as partes. Já o contencioso que opôs o histologista portuense a António Sérgio teve um desenlace muito diferente:

a polémica azedou-se, subiu de tom, resvalou para o insulto (subtil por parte de Sérgio, grosseiro da parte de Abel Salazar), terminando numa desavença irreductível e insanável.

Vejamos cada uma dessas contendas em particular, começando pela primeira, ou seja, pela que envolveu Casais Monteiro.

Abel Salazar publicara, no início de 1937, um artigo de defesa da ciência e, especialmente, de defesa da caracterologia kretschmeriana⁸ no qual denunciava e reverberava a oposição estrénuo dos nossos "etéreos intelectuais" às implicações filosóficas e estéticas da teoria do psiquiatra alemão; sem identificar, concretamente, quem eram esses "vaporosos aristocratas da quintessência" incluiu-os, porém, no tipo dos "espiritualistas" e partidários duma concepção metafísica do homem e da vida.

É difícil sabermos se o histologista portuense tinha em mira os "presencistas". Mas, fosse essa ou não a sua intenção, o certo é que eles acusaram o remoque; e a reacção – enérgica e contundente – não tardou. Não em nome da *Presença*, mas simplesmente em nome e pela voz de um dos seus líderes espirituais: Casais Monteiro⁹.

É curioso que o artigo de Abel Salazar estava longe de ser tão agressivo como outros já por ele publicados; mesmo o assunto já o abordara antes e por mais de uma vez. Mas não foram nem a agressividade nem o teor do artigo que - segundo Casais Monteiro – provocaram a sua interpelação. Saía a contestá-lo por uma e *uma só* razão: o *modo* como o histologista portuense efectuava a vulgarização cultural; nada mais. Não o moviam – disse – qualquer animosidade pessoal, tanto mais que não desconhecia o valor científico de Abel Salazar e o respeitava. É possível. No entanto, creio que a contestação de Casais Monteiro permite tirar mais algumas ilações acerca dos seus objectivos (ilações que teriam, certamente, o seu protesto) como seja, a convicção de que a defesa da metafísica, ainda que indirecta, terá sido um dos motivos determinantes da sua réplica. Mas vejamos.

Segundo Casais Monteiro, o histologista portuense, na faina de vulgarização cultural em que se empenhava desde há tempos, tinha dado preocupantes sinais de falta de rigor crítico e de verdadeiro método científico, aproximando-se, perigosamente, dum lugar-comum que inquinava a maior parte do escol português: a retórica fácil e inútil e a confusão de palavras com ideias. Falta duplamente grave, pois não só vinha de um cientista notável a quem, por isso mesmo, se exigia a aplicação exemplar desses princípios mas também porque havia muitos jovens que viam nele um guia e um mestre e que perante as suas diatribes – como as que dirigia à metafísica, por exemplo – ou se afastavam ou, então, seguiam, cega e

dogmaticamente, as suas pisadas, incorrendo, como ele, no excessivo esquematismo e na estreiteza e intolerância científicas perante tudo o que se furtasse ao seu controlo e verificação. Ainda que não fosse essa a intenção de Abel Salazar, a ela conduzia, inevitavelmente, o modo como fazia a vulgarização cultural.

Exemplo típico dessa falta de rigor, seriedade e objectividade era, segundo Casais Monteiro, o já citado artigo de Abel Salazar sobre "Kretschmer e os Plotinozinhos". Nele se defendia a caracterologia sem se identificar os adversários e sem argumentos – como quem dá tiros para o ar só pelo prazer de os dar; gratuitamente. E embora Abel Salazar se tenha referido a esses adversários como sendo os "espiritualistas", os predicados que lhes atribuiu eram tais que levou Casais Monteiro a retorquir-lhe que essa espécie de intelectuais não existiam no nosso país e que os ditos predicados que lhes atribuiu eram próprios de imbecis; se existiam em algum lugar – disse – era na imaginação do seu autor; e perguntava, sibilino: "que eficiência pode ter o combate contra uma fantasia?!" Nenhuma, além de ser um processo de combate péssimo e quixotesco. E em jeito de conclusão ao seu comentário, num tom, simultaneamente, exprobatório e deplorativo, Casais Monteiro dizia ao histologista portuense:

"Não basta espalhar a Ciência – é preciso, é o mais importante, espalhar o espírito científico. Num país que sofre tradicionalmente de incontinência verbal, é perigoso, quando se tem nome e discípulos, dar largas a certas fraquezas como as reveladas no [seu] artigo (...).

É triste ver um homem de grandes responsabilidades intelectuais, a título de defender a Ciência, incorrer nas mais manifestas atitudes anti-científicas enganando os leitores ignorantes que amanhã irão repetir as [suas] graças".

A resposta de Abel Salazar não se fez esperar¹⁰. Adversários – disse – tinha-os e muitos; não eram invisíveis. Era a eles, sobretudo, a quem se dirigia. E para provar a Casais Monteiro que não combatia contra fantasias, enviou-lhe um pacote de jornais com artigos onde fora insultado e posto a ridículo, com a chalaça mais soeza e a calúnia mais aviltante. Ainda não havia muito tempo, o *Diário da Manhã* rotulara-o de "malfeitor" a propósito de um seu artigo de vulgarização sobre a caracterologia publicado no jornal viseense *O Trabalho* e um plumitivo do Porto, a propósito do mesmo

tema, apodou-o de “parvo” e “estúpido” nas páginas de um periódico. Não se insurgia, pois, contra adversários-fantasmas nem se tratava de um combate quixotesco. Até Leonardo Coimbra tivera um papel de primeira grandeza na difusão dessas atoardas e doestos ignóbeis.

Mas Abel Salazar não se dirigia apenas a esses adversários identificados. Dirigia-se também a todos aqueles - e em sua opinião eram a maioria - que neste país viviam intoxicados de filosofismo, ou seja, dum pensamento inquinado pela plétora verbal, pela retórica oca, pelo pedantismo e pela autoridade magistral, onde o sentimento se sobrepunha à reflexão e o espírito metafísico ao científico.

Se havia simplismo nos seus artigos de vulgarização - e reconhecia-o - devia-se ao facto de crer, como absolutamente indispensável, chamar a atenção da opinião pública para a importância do pensamento positivo contemporâneo - em especial do *Empirismo Lógico* do Círculo de Viena - que, mais do que uma mudança de sistema filosófico, constituía uma verdadeira revolução na maneira clássica de pensar. Não que não tenha pesado e considerado os inconvenientes dessa vulgarização. Achou, porém, que os seus benefícios eram, incomparavelmente, mais vastos.

Quanto aos nefastos efeitos da sua maneira de vulgarizar sobre os seus alegados discípulos - uns desertando, outros seguindo-o de modo “cego” e dogmático - Abel Salazar retorquiu a Casais Monteiro que tudo o que dissera no citado artigo (e noutros já publicados) não tinha outra intenção - por mais de uma vez referida - a não ser esta: “há isto, queiram reparar, mais nada”. Quanto à deserção desses supostos discípulos era algo que não o preocupava, pois nunca pretendia ser *meneur*, chefe ou orientador de coisa alguma; eram até papéis que abominava.

Casais Monteiro retorquiu¹¹. Impaciente. Disse que detestava conversas de surdos e equívocos, que o seu comentário se reduzia ao seguinte: “1º) dúvidas sobre a vantagem dum artigo cuja finalidade não entendia; 2º) observações sobre a falta de seriedade, de método e de rigor científicos de certas passagens do mesmo artigo; 3º) reflexões sobre as consequências dessas *faltas*, e sua perigosa influência sobre certos jovens”.

Ora Abel Salazar, em sua opinião, não respondeu a nenhuma destas objecções. Em contrapartida, discorreu longamente sobre os ataques de que tinha sido vítima por parte dos seus adversários e fez uma apologia das disciplinas científicas que tomara a peito divulgar. Furtou-se a responder àquilo que realmente fora posto em causa: o carácter “ametódico e caótico” da sua vulgarização cultural.

E ainda que Abel Salazar, ao discorrer sobre as diatribes de que foi

vítima por parte dos seus adversários, tenha querido justificar, em parte, a sua *maneira* de vulgarizar, esse argumento não colhia junto de Casais Monteiro. Por duas razões: em primeiro lugar – segundo este – o histologista portuense nunca devia ter dado tanta atenção a certos ataques que lhe foram feitos, ataques que não vinham de adversários (que lutavam com ideias e com argumentos) mas de inimigos a soldo que, a pretexto da ciência, procuravam atingi-lo; em segundo lugar, também não se coíbiu de usar a injúria e a troça quando lhe aprouve: escreveu na revista *Pensamento*, por exemplo, um artigo “vergonhoso” e vazadoiro de “ódios pessoalíssimos” contra Leonardo Coimbra; qualificou Heidegger de mistificador e filósofo de segunda ordem; considerou o *S. Paulo* do “pobre sr. Pascoais” uma obra banalíssima e sofrível. Portanto - pergunta Casais Monteiro – porque havia Abel Salazar de se abespinhar pela injúria e troça que faziam dele, se ele próprio utilizava os mesmos meios?

Mas o desaguizado não se ficou por aqui. Em Maio, Abel Salazar voltava à liça. Com duas cartas¹². Na primeira reconhecia a pertinência de algumas das objecções e observações que lhe tinham sido feitas por Casais Monteiro. Reconhecia que nem sempre era rigoroso na sua exposição, que condensava excessivamente, que, por vezes, oscilava, entre a vulgarização e o trabalho original, que dava excessiva importância às réplicas soezes dos seus inimigos.

Já quanto ao alegado ódio a Leonardo Coimbra, Casais Monteiro estava redondamente enganado. Embora o autor do *Criacionismo* – segundo Abel Salazar – fosse “um homem dotado de brilhantes qualidades” era, ao mesmo tempo, “de uma falta de seriedade intelectual e moral completa, um exemplar raro de cinismo”, conforme podia provar e testemunhar. Quanto a Teixeira de Pascoais, embora o considerasse um bom poeta, era da opinião que *S. Paulo*, que tantos encómios suscitara, não passava de uma obra banalíssima, medíocre e de uma pobreza lastimosa.

Tudo isto, afinal, mais as dificuldades e inconvenientes da vulgarização não eram, porém, obstáculos suficientemente poderosos nem prejuízos, irreversivelmente, irreparáveis. Para Abel Salazar, os benefícios decorrentes da vulgarização eram, incomparavelmente, mais vastos e compensadores; e para o mostrar, o histologista portuense faz uma ampla exposição da revolução epistemológica operada pela ciência contemporânea e, em especial, pelo movimento empiriológico do Círculo de Viena. Aparentemente, a despropósito. Mas não – em seu entender. Se queríamos uma reforma das mentalidades e, conseqüentemente, uma reforma moral e civil da opinião pública, havia que levar até ela a nova imagem da natureza,

saída da microfísica e da revolução einsteiniana. Pela sua divulgação; custasse o que custasse.

Casais Monteiro respondeu, de novo e pela última vez, a Abel Salazar¹³. Começando por lamentar que o histologista portuense, apesar da sua boa fé, de toda a sua delicadeza e boa vontade, continuasse a não vislumbrar o objectivo do seu comentário inicial inventando-lhe opiniões que não tinha e esquecendo que, nas suas críticas, não estava subentendida qualquer controvérsia doutrinal mas formal, lembrou-lho, uma vez mais:

"censurei, digamos assim, um artigo de V.Ex.^a não pelo que nele se dizia, mas precisamente por não se entender o que se pretendia afirmar, nem a quem pretendia combater. Acentuei, desde o começo, que não me propunha discutir ideias. Tudo o que fiz, nesse artigo e no que se lhe seguiu, foi pôr dúvidas sobre a *maneira como* V.Ex.^a se exprimia, sobre a eficiência dessa luta contra um inimigo invisível".

Não era, pois, o neopositivismo do Círculo de Viena que estava em discussão ou a desencadeara. E isso – segundo Casais Monteiro – por duas razões: em primeiro lugar, porque era assunto que não lhe interessava discutir; em segundo lugar, porque não obstante conhecer todos os folhetos e livros de Carnap, Schlick, Reichenbach e outros, citados por Abel Salazar, não tinha encontrado neles bases suficientes para um juízo sólido acerca daquele movimento filosófico. Pois apesar de todas essas preocupações, Abel Salazar – na opinião de Casais Monteiro – respondeu-lhe como se ele fosse um "inimigo" do empirismo lógico, quando, desde o início e deliberadamente, pôs de parte a discussão do valor desse movimento filosófico; em contrapartida, o histologista portuense esqueceu a verdadeira razão da discordância: dúvidas de carácter metodológico, defeitos de exposição, de redacção, de *tom*, etc. de que "Kretschmer e os plotinozinhos" era uma síntese perfeita! Ora esse "esquecimento" por parte do histologista portuense era a prova cabal, para Casais Monteiro, de que ele não era a pessoa mais indicada para reformar, ou tentar reformar o pensamento e a filosofia em Portugal, pese embora as suas boas intenções. Mas de boas intenções estava o inferno cheio. A prática da vulgarização de Abel Salazar mostrava que não só as suas intenções eram por ela subvertidas mas que dela decorriam efeitos preversos para os incautos e não iniciados nos problemas da filosofia.

Mas – advertiu Casais Monteiro – a sua crítica à vulgarização cultural de Abel Salazar não era extensiva a tudo o que ele escrevera ou dissera até

então: admirava as suas conferências feitas em Fevereiro de 1933, em Lisboa, na Faculdade de Medicina, como admirava, igualmente, os seus notáveis artigos sobre a arte de Henrique Pousão. Nem pareciam – em sua opinião – obra da mesma pessoa que se metera a vulgarizar o empirismo lógico!

Finalmente, pela sua parte, dava por concluída a troca de comentários e cartas com Abel Salazar (a menos que as suas palavras fossem, mais uma vez, deturpadas), lamentando qualquer mal-entendido ou má interpretação que pudesse ter provocado e solicitando-lhe que não tivesse visto na sua interpelação segundos sentidos mas um simples acto de discordância. Nada mais.

O histologista portuense, por sua vez, não parece ter ficado arrengado com este desenlace, porquanto deu também por encerrado o diferendo.

Em jeito de comentário, poder-se-ia dizer que, *prima facie*, a questão levantada por Casais Monteiro era didáctica e metodológica, só tendo que ver, acidentalmente, com o empirismo lógico. Casais disse-o, por mais de uma vez. Mas disse, também, que Abel Salazar fazia uma crítica simplista e dogmática à metafísica, incompatibilizava-a com a ciência, arrumava-a no número das imbecilidades a que eram atreitos os espiritualistas. Metafísica, espiritualismo e imbecilidade eram ingredientes do mesmo "veneno" que a ciência procurava combater. Com intolerância, sem objectividade, sem rigor crítico – disse Casais Monteiro. E o empirismo lógico estava a servir exactamente para isso nas mãos de Abel Salazar. Subjacente à questão da forma como o histologista portuense estava a vulgarizar o empirismo lógico, estava, pois, uma outra questão que Casais Monteiro – a meu ver – nunca ousou contestar explicitamente: a irreductível incompatibilidade que Abel Salazar procurava mostrar entre a ciência e a metafísica, a irreversível decadência histórica desta e a sua carência de sentido, a visão do mundo e da vida veiculada pelo empirismo lógico. Foi, sobretudo, esta contestação do indizível e do metafísico por parte de Abel Salazar que, em meu entender, provocou a interpelação de Casais Monteiro. Procurou, porém, detê-la por via indirecta: criticando a *maneira como* Abel Salazar a fazia, a forma na qual vazava certas teorias que, por via disso, se desfiguravam e perdiam o sentido. Mas Abel Salazar sabia que não havia outra *forma* de as vulgarizar, de as levar até à opinião pública. Só lhe restava, pois, um de dois caminhos: ou correr o risco de alguns inconvenientes de monta, mas conseguindo, efectivamente, levar até junto da opinião pública uma cultura que, de algum modo, se havia de reflectir na sua praxe ou, então,

renunciar a essa vulgarização em nome dum perfeccionismo inatingível, traido na sua óptica o dever de todo o intelectual e remetendo para um escol, como um imperativo natural, a educação do povo (então, ilusoriamente, emancipado). Esta alternativa, rejeitada por Abel Salazar, era aquela que, em sua opinião, decorria, implicitamente, da proposta de vulgarização filosófica apresentada por António Sérgio na polémica que tiveram e que passamos a analisar.

Estava já em vias de extinção o fogo ateadado por Casais Monteiro, quando Abel Salazar foi confrontado com um outro, deflagrado por António Sérgio, que viria a ter muito mais amplas e nefastas consequências que o anterior.

As relações entre os dois escritores, não sendo pessoais e calorosas não eram, contudo, nem de antipatia nem de indiferença – como no-lo diz o próprio Abel Salazar¹⁴. Dois acontecimentos, porém, as estreitaram, levando o histologista até às páginas da *Seara Nova*: a primeira, segundo creio, foi uma carta escrita por este ao seareiro, por volta do início de 1937, onde lhe manifestava expressa admiração pelo modo brilhante como arremetera contra um dos expoentes da nossa “fumisterie” intelectual¹⁵; a outra, foi a “bárbara guerra” que foi movida a Abel Salazar pelos seus adversários e de que já fizera relação na sua “Carta ao sr. dr. Casais Monteiro” publicada no *Sol Nascente* em 1 de Abril de 1937.

42

Foi essa “bárbara guerra” – segundo Sérgio – que o levou a convidar Abel Salazar a colaborar nas páginas da *Seara Nova*¹⁶. O seareiro não ignorava ser o histologista portuense um estrénuo defensor e divulgador duma filosofia de que ele era um severo crítico – o neopositivismo¹⁷. Essa diferença, no entanto, era para Sérgio uma divergência secundária perante o que tinham em comum: a rejeição – compartilhada pelo empirismo lógico – das variadas retóricas que se apresentavam como filosofia e a defesa desta como sendo “essencialmente uma reflexão sobre a ciência e não uma forma de poesia lírica”¹⁸; por isso, a *Seara* o recebia como “um amado camarada de uma mesma trincheira”¹⁹. Este pacto assentava, ainda, em uma outra razão omitida por ambas as partes: a sua opção democrática e a sua oposição à Ditadura. Era um pacto de correligionários da mesma “união sagrada”.

A colaboração do histologista portuense teve início em meados de Abril de 1937 e limitou-se a dois artigos: no primeiro, debruçou-se sobre a classificação das proposições segundo o critério empirista do significado do Círculo de Viena, procurando mostrar que as proposições metafísicas eram desprovidas de sentido e que havia uma classe de proposições que,

embora pseudológicas, tinham, contudo, um sentido psicológico: era o caso das proposições das chamadas ciências humanas²⁰; no segundo artigo procurou mostrar que o pensamento lógico-matemático, depois de constituído, era independente dos biótipos (o que não acontecia com o pensamento psicológico, ou seja, o pensamento cujas proposições se baseavam em crenças) e que havia uma correspondência endógena entre os biótipos esquizotímicos e o pensamento tautológico e metafísico e entre os biótipos ciclotímicos e o pensamento indutivo e empirista²¹.

Poucos dias depois do segundo artigo de Abel Salazar, Sérgio saía à liça nas páginas da *Seara Nova* a contestar o seu convidado; não o conteúdo da sua filosofia mas o *modo* como estava a vulgarizá-la. E, podemos desde já acrescentar que, salvo uma ou outra – rara – incursão doutrinal, Sérgio venceu, por mais de uma vez, que o problema que o opunha a Abel Salazar não era o empirismo lógico (embora pudesse sê-lo) mas o modo como o histologista portuense o divulgava, aproveitando essa oportunidade para se interrogar – e interrogar-se em diálogo com Abel Salazar – sobre o problema mais geral das possibilidades e limites da vulgarização filosófica.

Lendo atentamente as réplicas e objecções de Sérgio não me parece que o seareiro visasse outro fim. Além disso, por mais de uma vez, protestou, pública e particularmente, a sua admiração pelos nobres intuítos e integridade moral do histologista portuense, elogiou a sua competência e valor científico que – como disse – estavam fóra de qualquer discussão²². E estavam, porque a questão era outra.

Sérgio, ao eleger Abel Salazar como interlocutor, fê-lo não só porque o considerava um cientista que reunia (pelo menos aparentemente) todas as condições para efectuar uma vulgarização cultural, mas também porque aquela que até então fizera não lhe parecia modelar. Pelo contrário. Na opinião de Sérgio, a vulgarização, tal como Abel Salazar a estava a fazer, corria o risco de se converter numa faina anti-cultural, com todos os prejuízos daí decorrentes para ambas as partes – os destinatários e o próprio vulgarizador. Urgia, pois, estabelecer um diálogo que aprofundasse a questão, que a discutisse. Não a questão do empirismo lógico, mas essoutra bem mais importante e não solvida no entender de Sérgio: como vulgarizar a cultura de modo a fazer dela uma força de transformação efectiva da realidade, quer individual quer colectiva.

Evidentemente que Sérgio, desde há muito, tinha respostas para esta questão. Mas não definitivas. Deparava-se-lhe a oportunidade de as confrontar com os pontos de vista de Abel Salazar e utilizar a vulgarização encetada por este como uma espécie de "experimentum crucis" com vista

a rejeitar ou aperfeiçoar essas respostas. Além disso, uma outra razão, perspectivava como profícuo esse diálogo: Sérgio sabia – por artigos já publicados pelo histologista portuense – que havia, entre ambos, um consenso quanto ao que, essencialmente, se devia entender por *cultura* e quais deviam ser os seus fins. As divergências confinavam-se, pois, a questões pedagógico-didáticas e não doutrinárias.

Os interlocutores sabiam, assim, antecipadamente, os contornos da questão que os dividia e o muito que, nessa matéria, tinham em comum. Não será dispiciendo, no entanto, abordar, previamente, o que os unia para melhor entendermos os limites e alcance do que os separou.

Sérgio distinguia duas acepções de cultura: “A) A acepção folclórica (ou etnográfica, ou relativa) que designava o acervo tradicionalista (estático, sedimentado) dos estilos de vida de um dado povo; [e] B) A acepção espiritual (ou universal, ou absoluta) que designava o processo dinâmico de afinar o intelecto e a sensibilidade, de apurar o senso crítico, de intensificar a faculdade de bem ajuizar”²³. A primeira acepção – no seu entender – era sinónimo de “acumulação de conhecimentos”²⁴; tinha na quantidade o seu critério de valor²⁵ e, por isso mesmo, a considerava uma “cultura falsa”²⁶. Nela, o sujeito estava reduzido a uma “tábua rasa”, a um armazém inerte e passivo, que reagia por determinação de variáveis incontrolladas e exógenas e não por espontânea criatividade do espírito.

44

A segunda acepção de cultura era a que Sérgio entendia por verdadeira²⁷; era um processo de transcendência das limitações humanas (naturais e sociais), um processo de libertação das cadeias biológicas que nos amarram, do determinismo que nos constrange, dos limites que o espaço e o tempo tendem a impôr-nos, do “aqui” e do “agora” – e dos acidentes de classe, de partido, de nação, de raça; era o dom de dessubjectivarmos a nossa vida psíquica, de substituímos a espontaneidade pela reflexão, de racionalizarmos cada vez mais e mais criticamente as nossas teorias e a nossa acção. Ser culto era, enfim, como disse *Spinoza* na *Ética* – a este propósito invocado pelo seareiro – pensarmos *sub specie aeternitatis*²⁸, ou seja “lograrmos desfazer-nos das limitações de espírito, para alcançarmos a objectividade e o universal”²⁹; em última instância, ser culto significava a conquista da liberdade – como bem acentuara Bento de Jesus Caraça, alguns anos antes, numa conferência que deu brado, sobre a cultura integral do indivíduo³⁰.

O que mais importava na formação cultural de um cidadão não era, pois, a matéria (ou o conteúdo do que se crê ou afirma), a recepção, armazenagem e reprodução de uma certa quantidade de noções e ideias, mas a

ginástica mental, o espírito crítico e científico (para Sérgio equivalentes), o estilo de pensar, a disciplina do exame; ser culto era ter um método mais do que um ideário, era o passar de um nível para outro nível, ou seja, do nível mental da credulidade ingénuo e do dogmatismo espontâneo para o nível mental da disciplina crítica. Nesta concepção de cultura o que mais importava divulgar não era, pois, a “ciência”, os conhecimentos e as doutrinas, mas o *espírito científico* que, para Sérgio era o mesmo que o espírito crítico³¹.

Desse espírito crítico em acção, esperava Sérgio a revolução das consciências, o surdimento, em cada cidadão, de “um regime (...) de auto-domínio e auto-crítica, de *interioridade centrípeta*, de *disciplinação* racional”³², do qual decorreria, como corolário, um caudal de transformações económicas, sociais, historiográficas e pedagógicas – como seriam o cooperativismo, a reflexão epistemológica, a problemática sociológica, a escola do trabalho, o *self-government* e a Democracia social (coroadas ou não)³³.

Ora, também Abel Salazar – tal como António Sérgio – era da opinião que a cultura, quando reduzida a uma soma de conhecimentos, não era nada; podia até, inclusivé, tornar-se uma praga, quando a essa soma de conhecimentos se juntava uma verbosidade fácil e uma irreflexão inconsciente³⁴. Era o caso de certa “gente culta” do escol lusitano, sempre pronta a discorrer sobre tudo com superficialidade e sobrançeria; exemplo acabado e típico desse cabotinismo era – em seu entender – o famigerado Alfredo Pimenta³⁵. Ele era um exemplo, entre muitos outros, duma pseudocultura, duma falsa educação do espírito, dum armazém de conhecimentos que longe de ampliar o campo intelectual e desenvolver a ginástica mental do educador e do educando, a ambos entorpecia e asfixiava com erudição, provocando mais prejuízos que benefícios³⁶.

A verdadeira cultura era, porém, outra coisa. Era um esforço de autodirecção intelectual, de reflexão e assimilação dos assuntos, de justo equilíbrio de raciocínio, de apreensão clara dos conceitos, dos processos e métodos de pensar³⁷; era, em *suma*, *autodidactismo*³⁸.

Numa cultura assim concebida, os conhecimentos eram um meio e não um fim; um meio ao serviço da disciplina e do exercício intelectuais, ao serviço da autocrítica e da reflexão, em *suma*, ao serviço dum método de pensar e não de uma doutrina.

O fracasso na aquisição deste ou daquele conhecimento era, pois, irrelevante quanto ao essencial; o que mais importava – e Abel Salazar sublinha-o – era o esforço para o alcançar, a reconversão intelectual gerada

por esse processo de aquisição e não os "dados" adquiridos; aí é que estava o quid do progresso intelectual, a verdadeira cultura³⁹. E rematava estas considerações com a seguinte advertência que mais parecia de Sérgio: "o sistema de aceitar as conclusões da ciência como uma revelação milagrosa; de aceitar a ciência e a filosofia com um espírito fetichista, idolátrico, é tão nocivo como começar logo no intróito da iniciação a falar inconsideradamente, irreflectidamente, sobre o que se recebeu: – são dois extremos opostos do vício da pseudo-culturização"⁴⁰.

Além disso o histologista portuense estava longe de atribuir à cultura o papel duma chave-mestra para os problemas. Pelo contrário. A verdadeira cultura, ou seja, o espírito crítico ou científico (que, para Abel Salazar, como para Sérgio, são equivalentes) longe de proporcionar ao seu aprendiz um saber integral, atirava-o para um mundo onde tudo fluía, para um reino de dúvida e de hipóteses, para o drama da inteligência frente ao desconhecido e à ameaça das trevas, para a renúncia aos princípios absolutos e definitivos⁴¹; enfim, para uma filosofia sem cúpula, relativista e fenomenalista (em contraste com as metafísicas aprioristas), onde a experiência era o critério de sentido e a base era o devir⁴². É claro que Abel Salazar reconhecia os inconvenientes desta concepção de cultura. Mas – dizia ele – embora os guias possam ser, eventualmente, excelentes, "não há (...) jamais independência intelectual enquanto não sabemos, por nós próprios, guiar a marcha das nossas reflexões"⁴³. Por outras palavras: se as muletas são úteis, elas não suprem as pernas; e se se pretende saber andar, nada melhor do que praticar.

Não esperava Abel Salazar com esta cultura de lastro científico uma resposta directa para os problemas da acção. Cria, porém, como Reichenbach (que, a propósito, invoca) que havia uma conexão psicológica entre ela e o sentido e valor que outorgamos à existência humana; veja-se, por exemplo, a influência que tiveram nas concepções do mundo e do homem as revoluções copernicana e newtoniana⁴⁴. As revoluções científicas tinham, pois, uma influência eficaz na transformação das superestruturas mentais, na renovação da nossa maneira de explicar a natureza e compreender o homem e a sociedade. Vulgarizá-la, ainda que imperfeita e simplificada, não era uma tarefa improfícua. E porque o empirismo lógico era a expressão mais lídima da revolução científica do século XX – teoria da Relatividade, microfísica, geometrias não euclidianas, etc. – urgia divulgá-lo.

Posto isto, ou seja, mostrada a convergência de pontos de vista de Abel Salazar e António Sérgio quanto ao conceito de cultura e dos fins que lhe atribuíam, parece-me, agora, mais fácil entendermos as etapas e vicis-

situações da controvérsia em que se envolveram.

Como dissemos já, poucos dias depois de Abel Salazar ter iniciado a sua colaboração na *Seara*, Sérgio saiu à liça a contestá-la⁴⁵. Não punha em causa os nobres intuitos do histologista portuense e admirava até o zelo apostólico daqueles que se abalançavam às tarefas da vulgarização. Era, todavia, de opinião que era difícil – quando não mesmo impossível – conciliar essa vulgarização com a exactidão do cientista. Assim, acontecia – em seu entender – com Abel Salazar. O seu zelo apostólico abismara-o “em pélagos de simplificações colossais, resignando à necessidade de desprezar distinguos, subtilezas, rigorismos, exactidões”⁴⁶; disso eram exemplo frisante algumas das suas afirmações contidas na 3ª Carta a Casais Monteiro, numa atitude de manifesta contradição com a perfeita concepção de cultura que, segundo o seareiro, não havia muito fora por ele defendida nas páginas d’*O Diabo*⁴⁷. Daí o seu justificado receio de que o histologista portuense viesse a apresentar o *Empirismo Lógico* como “um terramoto geral e filosófico, como o começo absoluto de uma era nova”, revogador de toda a “legislação filosófica” em contrário; a exemplo do que acontecera, no passado, com o hegelianismo, o comtismo e o bergsonismo. Ainda que não fosse sua intenção, o histologista portuense – no entender de Sérgio – estava a levar os seus leitores a crerem no *Empirismo Lógico* como um islamita cria no Alcorão⁴⁸.

Não se julgue por estas objecções que Sérgio era contra a vulgarização. De modo nenhum. Ele próprio disse que a vulgarização – abstractamente considerada – de alguns problemas filosóficos era até assunto que o entusiasmava, ainda que não ousasse fazê-la. É que se lhe antolhava, à porfia, um obstáculo de monta para o qual ainda não encontrara uma resposta satisfatória: “será possível, nesses domínios [da filosofia], fazer obra de vulgarização sem de facto deformar as ideias, sem desfigurar e falsear os problemas? A filosofia exige uma subtileza que é difícilimo conciliar com a vulgarização, e as concepções simples, sumárias, esquemáticas, são sempre uma sombra da autêntica filosofia”⁴⁹. A vulgarização da filosofia conduzia, pois, à sua contrafacção. Mas não só a vulgarização da filosofia. Sérgio interroga-se: “será boa vulgarização [ou vulgarização com um verdadeiro valor cultural] a de convencer o público de que é coisa fácil – e susceptível de solução simplicíssima – o que é realmente muito difícil ou de muito complexa natureza? Em vez de vulgarizar *facilidades* fictícias, não será mais útil e mais pedagógico vulgarizar *as verdadeiras* dificuldades?”⁵⁰. Por esta altura, a sua resposta não tem sombra de dúvidas: vulgarizar facilidades fictícias é “desculturar” e o vulgarizador – em sua opinião – “quase

sempre, se assemelha a um professor de equitação que, para facilitar as coisas, suprimisse o cavalo⁵¹.

Para remover este escolho só havia um caminho, segundo o seareiro: em vez de se divulgarem soluções esquemáticas e condensadas, divulgar-se, de maneira rigorosa e clara, as verdadeiras dificuldades – como Sócrates, exemplo ímpar e acaso o maior vulgarizador da cultura genuína⁵².

Mas não muitas semanas depois destas afirmações já Sérgio não estava tão seguro delas. Numa nota de esclarecimento a um artigo, entretanto publicado por Jaime Brasil sobre “A cultura e o povo” no *República*, o seareiro insistia, enfaticamente, que não era contra a *forma* simplificada e imperfeita a que se dava o nome de vulgarização, conquanto ela não deformasse por completa a doutrina exposta e não fizesse perder ao educando e ao educador toda a ideia e apreço pelo rigor científico⁵³. Era uma transigência que levantava múltiplas dificuldades: como saber, por exemplo, quando a vulgarização imperfeita e simplificada começava a ser proveitosa ou nociva? Onde estava essa linha de demarcação? Quem a definia – o educador ou o educando? São problemas que ficaram sem resposta, até porque ainda não eram problemas para Sérgio no início da contenda.

Pouco depois, ainda Abel Salazar não respondera às suas observações, e já Sérgio voltava à carga. Razão próxima: um artigo de vulgarização, entretanto publicado pelo histologista portuense n’*O Diabo* sobre o universo einsteiniano⁵⁴.

48

Perante ele, as dúvidas de Sérgio sobre as possibilidades de uma verdadeira vulgarização cultural avolumaram-se. E, de novo, pôs a questão “se a vulgarização filosófica se não torna uma faina anti-cultural sempre que o indivíduo que empreende fazê-la, propondo-se facilitar o que não é fácil, se vê forçado à inexactidão das ideias, à impropriedade da expressão verbal, à imprecisão dos conceitos que emprega, e ao hábito de demarcar distinções absolutas – distinções de simplicidade talvez excessiva – no que é essencialmente nuançado⁵⁵. Assim acontecia, uma vez mais, com Abel Salazar; antes na *Seara*, agora no *Diabo*. Com dois inconvenientes que, no futuro, se multiplicariam nefastamente: “suscitando no vulgo ideias falsas e o de não suscitar nele ideia nenhuma⁵⁶”.

Em suma, a vulgarização efectuada pelo histologista portuense – segundo Sérgio – pecava por dogmática, anticultural, simplista, imprecisa e pejada de incorrecções graves, acarretando muitos prejuízos e nenhuns benefícios.

Não era desafio – e convenhamos que um desafio pouco cortês – que Abel Salazar deixasse sem resposta; e respondeu-lhe em várias frentes:

dois artigos n' *O Diabo*, um no *Sol Nascente* e, por fim, um outro, na *Seara Nova*⁷.

O primeiro desses artigos foi publicado n' *O Diabo* de 13.7.37 sob a forma de uma "Carta a António Sérgio". Nele, o histologista portuense reconhecia a pertinência e utilidade de várias das objecções do seareiro à sua vulgarização. Mas – advertia – nem por isso esses obstáculos eram suficientes para o dissuadir a deixar de a fazer. Havia várias razões para isso; e adiantava uma: a necessidade de divulgar – pelas razões que já conhecemos – a filosofia neopositivista que, não sendo o começo absoluto de coisa alguma (como insinuava Sérgio ser opinião de Abel Salazar), era, contudo, o primeiro expoente e consequência do terramoto geral que abalara as ciências no início do presente século.

Mas foi no segundo artigo, publicado alguns dias depois no *Sol Nascente*, ou seja, no dia 15, "A propósito da vulgarização do Círculo de Viena (resposta a António Sérgio)" que o histologista portuense procurou dar uma cabal resposta a todas as objecções feitas, até então, pelo seareiro.

Reiterando, uma vez mais, o seu acordo com Sérgio quanto às dificuldades da vulgarização científica e filosófica, lembrou, porém, que não foram essas pertinentes chamadas de atenção que o despertaram para essas dificuldades. Já em artigos passados se referira a elas e, até recentemente, em trocas epistolares com Rodrigues Lapa, ex-director d' *O Diabo*. Não se abalancara, pois, de ânimo leve e ingenuamente, à tarefa da vulgarização. Se optou por fazê-la, apesar de todos os escolhos, foi porque – tal como Borel, Reinchenbach, Thomson e tantos outros – também ele era da opinião que os intelectuais tinham o dever de a fazer.

Posto isto, a questão fulcral da vulgarização não era a que tanto preocupava Sérgio (saber se uma vulgarização perfeita era possível ou impossível e, a verificar-se este segundo caso, renunciar a qualquer uma) mas essoutra, a saber "se a vulgarização deve ou não fazer-se".

Se bem entendo Abel Salazar, é óbvio que para ele a vulgarização perfeita, ou seja, a vulgarização da cultura mais genuína e autêntica (tal como ele e Sérgio a entendiam) era dificílima (para o seareiro era mesmo impossível). Mas isso, no entender de Abel Salazar, não era obstáculo suficiente para impedir a vulgarização da cultura. Nem Sérgio – segundo disse – pretendia com as dificuldades por ele levantadas justificar uma renúncia a essa divulgação. Os receios e objecções do seareiro iam todos para os efeitos duma vulgarização "imperfeita"; efeitos nocivos sem quaisquer contrapartidas positivas.

Ora Abel Salazar tinha uma opinião muito diferente.

Para o histologista portuense, a vulgarização dos pontos difíceis e dos problemas em discussão, tanto da filosofia como da ciência, era uma tarefa não só imprópria mas impossível por definição: como vulgarizar o que se ignora? como definir, clara e rigorosamente, para a opinião pública, problemas cujos fundamentos desconhecemos ou sobre os quais temos apenas vagas hipóteses? Vejamos um exemplo, dado por Abel Salazar, para ilustrar as consequências decorrentes da aplicação dos preceitos defendidos por Sérgio para a vulgarização:

“Imagine-se o que poderia ser um ensino de matemáticas que começasse precisamente por expor as mais difíceis e fugidias questões que podem formular-se sobre tais assuntos; imagine-se o que seria uma divulgação das matemáticas (e todo o ensino é uma vulgarização) que começasse por exaurir (...) apenas e sómente as [questões] que se referem ao conceito “número”; todo o curso vulgar das matemáticas não chegaria talvez para expor a questão por uma forma completa e sob todas as suas facetas”.

Como se vê – conclui Abel Salazar – os princípios rígidos exigidos por Sérgio para a vulgarização científica e filosófica “tornariam absolutamente impossível toda e qualquer iniciação matemática”. Acresce, ainda, que o rigor e clareza tão defendidos por Sérgio nem sequer nas matemáticas são possíveis, como mostrou – entre outros – Vigneron. Ora, se nas matemáticas, há uma margem de erro e dúvidas ainda irresolúveis no plano dos seus princípios, que dimensão não alcançam esses erros e dúvidas “em questões por tal forma vagas, indecisas e flutuantes como são as questões filosóficas e morais!”. Apelar para a exigência de rigor e clareza nestas questões – como faz Sérgio – é, segundo Abel Salazar, “pura ilusão simplista do espírito”.

Mas um outro efeito, extremamente gravoso e de ordem ética, decorreria da aplicação dos preceitos sergianos para a vulgarização filosófica. Segundo Abel Salazar, “todo o criticismo extremo conduz *automaticamente* ao cepticismo, ao niilismo ou ao solipsismo (...); isto é, a não afirmar nem negar coisa alguma, ao silêncio integral”. Dito de outro modo, a vulgarização proposta por Sérgio, no entender de Abel Salazar, não só defendia o elitismo como uma fatalidade como perpetuava a ignorância do povo, justificando-a pela necessidade de o salvaguardar dos efeitos nocivos duma cultura inevitavelmente imperfeita e simplificada como é toda aquela que se vulgariza e transmite à opinião pública.

Mas se é impossível e contraproducente vulgarizar problemas, que se deve, então, vulgarizar? Segundo Abel Salazar, as conclusões das ciências e da filosofia científica tidas pelas respectivas comunidades intelectuais por incontroversas (ainda que se saiba que essa incontroversa imunidade é provisória). Não com a preocupação de uma vulgarização integral, mas apenas com a preocupação de proporcionar aos leitores – como ele mesmo diz – um pouco mais de luz no meio das trevas, um pouco mais de precisão no meio da imprecisão – e nada mais. E – adverte – “a isso, e quasi só a isso” se resume a vulgarização científica e filosófica. O resto – e que é o mais importante (seguir as vias propostas, reflectir sobre elas, formar juízo próprio a partir dos autores indicados, etc.) – compete a cada um fazê-lo por conta própria.

Mas as réplicas de Abel Salazar não se ficaram por aqui. N’*O Diabo* de 20.6.37 retomava o fio à meada das suas respostas anteriores com um artigo sobre “As críticas de António Sérgio e a necessidade de actualização do pensamento português”. Com uma argumentação diferente. Interrogasse, então, sobre as verdadeiras causas das reticências postas pelo seareiro à sua faina vulgarizadora. É que – no seu entender – compreendesse mal uma crítica (como a que fez Sérgio) contra uma vulgarização ainda na sua fase propedêutica e, portanto, ainda não começada. Digamos que Sérgio – di-lo Abel Salazar – investiu contra um adversário ainda inexistente, acusando-o de falta de fundamentação e de sugerir ideias falsas, quando “essas ideias falsas são apenas as falsas ideias de António Sérgio”. Transpôs, assim, os limites da crítica, entrando no campo das acusações graves que, segundo o histologista portuense, não podiam passar sem o seu protesto. Evidentemente que Abel Salazar não nega o direito a quem quer que seja de pôr dúvidas e objecções sobre os princípios e métodos da vulgarização por ele efectuada, o que não reconhece a ninguém “é o direito de fazer acusações não provadas, tal como a de falta de fundamentos ou sugestão de ideias falsas”. Como fez Sérgio. Para o histologista portuense só há uma explicação para isso: a desactualização filosófica do autor dos *Ensaios*. Desactualização notória, para Abel Salazar, no que concerne ao empirismo lógico (que o seareiro, obstinadamente, se recusava a conhecer), à clarificação das relações entre o objectivo e o subjectivo (como o demonstrava o seu recurso a Lachelier), à sua dificuldade em demarcar a metafísica da ciência, ao seu conhecimento deficitário da génese e evolução do pensamento científico, ao seu desconhecimento de que o apriorismo kantiano já só era defensável no terreno dos condicionalismos psicológicos, etc.. Em suma: para Abel Salazar, as objecções de Sérgio derivavam,

em grande parte, da sua ignorância, que o empurravam para um “criticismo caótico” e não para o verdadeiro espírito científico que consistia em “seguir um caminho definido no meio da constante dúvida e da constante auto-crítica, e procurar um pouco de luz na densidade das trevas”. Um caminho definido – repita-se – e não uma sucessão ininterrupta de caminhos encruzilhados.

Finalmente Abel Salazar encerrou a sua réplica a Sérgio com um artigo publicado na própria *Seara Nova*, de 26 de Junho de 1937, “A propósito da vulgarização do Círculo de Viena”.

Nele incluiu Sérgio no número dos “defensores do esoterismo intelectual”, ou seja, entre aqueles que partiam do princípio de que a vulgarização devia ser uma educação pública tão perfeita que não deformasse as mais difíceis questões vulgarizadas e que levasse o público, por uma via tão rígida como uma ferrovia, a um determinado estado cultural estabelecido *a priori*. Ora este desiderato era, para Abel Salazar, “não só uma utopia, como absolutamente artificial”.

Uma vulgarização – segundo o histologista portuense – era sempre condensadora, esquemática, de efeitos variáveis e, geralmente, imprevisíveis (era comparável a uma pedra lançada num curso fluvial onde faz ondas mas sem o dirigir). Caso se tornasse imperativa e categórica teria contra si a violência das forças naturais que rapidamente a aniquilariam.

Era, portanto, mais razoável e profícua uma vulgarização menos ambiciosa, ou seja, uma vulgarização imperfeita e simplificadora. Não se diga – adverte Abel Salazar – que estes inconvenientes lhe tiram eficácia positiva. Não. Em primeiro lugar, porque qualquer vulgarização é valiosa conquanto consiga actualizar as possibilidades latentes dos seus destinatários, levando-os a reflectir sobre a mensagem que lhes é dirigida; nessa medida, a vulgarização tem um efeito estimulante e fecundante. Em segundo lugar, porque sabemos quanto as revoluções científicas passadas – como o copernicanismo e o newtonianismo, por exemplo – afectaram as concepções do mundo, da vida e da sociedade, sem que para a produção dessas mudanças tivesse sido indispensável um conhecimento científico minucioso e detalhado por parte dos cidadãos; justificava-se, pois, a urgente vulgarização do empirismo lógico – a filosofia da revolução científica do século XX.

Evidentemente que este escopo jamais se alcançaria se se orientasse a vulgarização cultural para as encruzilhadas hiper-críticas propostas por Sérgio; desaguariamos num beco sem saída. A única maneira de o realizar com algum sucesso era, em seu entender, orientar a vulgarização

para os pontos nodalmente interessantes da cultura de cada época, para os pontos mais fecundos e virtualmente mais ricos, apresentando-os de forma acessível, esquemática e, condicionadamente, conclusiva.

A esta réplica de Abel Salazar em várias frentes respondeu António Sérgio com uma arremetida não menos fogosa: dois artigos na *Seara Nova* e mais dois n' *O Diabo*.

O primeiro saiu na *Seara Nova* de 26.3.1937 sob a forma de uma "Notazinha ao artigo de Abel Salazar", ou seja, ao artigo deste "A propósito da vulgarização do Círculo de Viena".

Uma vez mais disse o seareiro que nunca teve intenção de discutir o empirismo lógico e, muito menos, polemizar com Abel Salazar; a sua intenção – vincou – foi apenas a de dialogar, crítica, reflectida e fraternalmente, sobre um problema que julgava interessar a muitos e, em especial, a ambos: a vulgarização filosófica.

Todavia, o artigo de Abel Salazar sobre a vulgarização do Círculo de Viena dissipara-lhe as últimas dúvidas – se é que ainda as tinha – sobre as erradas concepções do histologista portuense sobre a vulgarização científica e filosófica. A sua vulgarização mais parecia uma faina apolo-gética e "a propaganda das conclusões de determinados autores" do que uma actividade reflectida de esclarecimento público. Ora Sérgio interroga-se "se a propaganda de teses e conclusões – *sem expor a fundamentação* das mesmas teses – não terá acaso o defeito grave de ser algo meramente *receptivo e dogmático* em relação aos indivíduos para quem é feita; e se essa receptividade e dogmatismo não serão a negação de uma cultura autêntica, e sobretudo de qualquer cultura que mereça o nome de filosófica"; perguntava ainda "se devemos adoptar fora da escola – nos nossos artigos de vulgarização – esse mesmo género de instrução dogmática que para uso das escolas reprovamos todos". Não eram perguntas fáceis de responder. Mas, certamente, até Abel Salazar estaria de acordo que difundir conclusões, acriticamente e sem expor os seus fundamentos, era correr o risco, quase certo, de incorrer na absoluta aversão ou na absoluta adesão, ou seja, – em qualquer dos casos – promover o dogmatismo e afastar a opinião pública da verdadeira cultura. Por outro lado, se reprovávamos a instrução dogmática nas escolas, com mais razão a devíamos reprová-la na escola da vida.

Não quer isto dizer – adverte Sérgio – que Abel Salazar não tivesse uma concepção fundamentada e crítica do que vulgarizava; a sua competência, saber e espírito crítico considerava-os acima de qualquer discussão. Mas não era isso que estava em causa, Era, sim, a forma, o estilo, o tom, dos seus artigos de vulgarização. E nestes, Abel Salazar – na opinião

de Sérgio – sempre se mostrara relapso em dois pecados capitais: a ausência de verdadeiras explicações e o recurso ao argumento da autoridade. Disso era exemplo a sua vulgarização do empirismo lógico que mais parecia o anúncio da Boa-Nova, o anúncio de que nascera, em Viena, o absoluto Verbo. Ora, ainda que o fosse, a melhor maneira de o anunciar, segundo o seareiro, não era fazer a apologia das suas conclusões mas explicar aos leitores as razões e raciocínios em que se fundamentavam essas conclusões. Não o fazendo assim, estava a arregimentar “fiéis” e não gente culta.

Para evitar isto, Sérgio sugeriu a Abel Salazar alguns tópicos a ter em conta numa verdadeira divulgação filosófica do empirismo lógico do Círculo de Viena: 1º – explicar os motivos das suas conclusões, o que exigia partir do *Tractatus* de Wittgenstein; 2º – explicar as suas dificuldades, que levaram à divisão do Círculo e ao aparecimento do fisicalismo radical (partilhado por Neurath, Carnap, Hempel, entre outros) que defendia que a verdade de um enunciado se reduzia à sua compatibilidade lógico-formal e não à sua adequação à realidade empírica (substituindo, assim, a correspondência pela coerência lógica, como critério de verdade); 3º – explicar os problemas decorrentes do fisicalismo radical, etc. etc. Só deste modo, isto é, adoptando uma postura explicativa e crítica Abel Salazar efectuará com êxito a sua anelada vulgarização filosófica, melhor dizendo, uma verdadeira vulgarização filosófica.

Não me parece que Sérgio tivesse inteira razão nestes seus reparos. É verdade que Abel Salazar pôs grande entusiasmo na vulgarização do empirismo lógico. Mas, em geral, fê-la acompanhar de argumentos, de explicações, de algumas reservas até. Nem sempre – é verdade. Por vezes, a sua incontinência verbal e o seu fervor apologético obnubilaram o que mais importava. Mas, em geral, não o esqueceu nem escamoteou. Por isso, os juízos de Sérgio me parecem – não direi sem razão – mas excessivamente severos.

Mas a polémica ganhou, subitamente, outro folego, quando António Sérgio chegou à leitura dos artigos de Abel Salazar publicados no *Sol Nascente* e no *Diabo* em 15 e 20 de Junho, respectivamente. Creio mesmo que o artigo do *Sol Nascente* foi lido por Sérgio após o do *Diabo*; é o que parece inferir-se das suas palavras, como adiante veremos.

A verdade é que esses artigos lhe provocavam um invulgar assomo de irritação; e a resposta surgiu: umas deploráveis “palavras a Abel Salazar” publicadas no mesmo número da *Seara* em que tinha saído a “Notazinha” citada, ou seja, em 26 de Junho e duas cartas dirigidas ao histologista português publicadas no *O Diabo* em 27 de Junho e 4 de Julho. Todas estas três

réplicas subalternizam já o problema da vulgarização e visam o desagravo da acusação feita por Abel Salazar de que o seareiro estava, filosoficamente, desactualizado e que nada conhecia do empirismo lógico.

Contudo, António Sérgio virá a dizer, posteriormente, que as desmesuras das "palavras a Abel Salazar" foram provocadas pelo artigo do *Sol Nascente*. Parece-me que há aqui um equívoco de Sérgio. As "palavras a Abel Salazar" parecem, isso sim, uma resposta ao artigo por este publicado no *Diabo*, em 20 de Junho. Respeitaremos, porém, o esclarecimento de Sérgio, dado que não o rectificou e trataremos de ver, em primeiro lugar, como reagiu à acusação de "desactualizado" que lhe fez o histologista português.

Na carta de 27 de Junho, o seareiro reiterou várias das observações que já fizera anteriormente ao histologista português: o carácter dogmático e apologético da sua vulgarização, a sua esterilidade e prejuízos, o seu deslumbramento e sectarismo científico, o seu cego encanto pelo "círculo mágico" de Viena, pela letra e autoridade da sua filosofia, não se dando conta, infelizmente, que "é preciso esquecermo-nos de muita coisa para pensarmos numa com nitidez".

Quanto à suposta desactualização do pensamento filosófico em Portugal e à sua responsabilização pelo nosso atraso, Sérgio, só em parte, aceitava como correcta essa asserção. Em primeiro lugar, porque a desactualização de que falava Abel Salazar não era tão acentuada como ele proclamava; em segundo lugar, porque o próprio empirismo lógico (ao contrário do que ele supunha) era do conhecimento de muitos em Portugal. Conheciam-no, por exemplo, diversos amigos e colaboradores da *Seara Nova*. Todavia, ao contrário do histologista português, leram-no criticamente e não como um catecismo. O atraso filosófico de Portugal não era, pois, fruto exclusivo e directo de "desactualização".

Quanto à sua desactualização filosófica e ignorância do empirismo lógico, afirmadas por Abel Salazar, Sérgio respondeu-lhe, numa segunda carta, publicada n' *O Diabo* de 4 de Julho⁵⁸.

Começou por lhe dizer que, ao contrário do que ele supunha, não ignorava o empirismo lógico. Tal hipótese terá ocorrido a Abel Salazar porque ele, Sérgio, não costumava pendurar-se em citações nem em argumentos de autoridade. Quanto às coincidências, assinaladas por Abel Salazar, entre alguns dos seus pontos de vista e certas teses do Círculo de Viena, o autor dos *Ensaio*s respondeu que isso era o efeito duma reflexão autónoma e não de qualquer influência daquele movimento filosófico; mais: se este tinha algo de válido, esse algo estava certamente na coincidência

com as suas ideias.

De qualquer modo – disse Sérgio – o que pretendia salientar é que nada o impelia a acolher-se e a proteger-se sob a autoridade dos “sacerdotes” do Círculo de Viena; não porque recusasse mestres, mas, sim, porque recusava aceitá-los *duma só escola*, porque se recusava “a transformar a filosofia numa verdadeira Igreja, com os seus Padres”. Deste modo, esperava que Abel Salazar ficasse esclarecido quanto à sua suposta “desactualização” filosófica, quanto ao facto de não estar na moda. É que o empirismo lógico não era *tudo* em filosofia, mas apenas uma parte dela.

Sérgio relativizava. Em contrapartida, Abel Salazar – na opinião do seareiro – absolutizava, erigia umas quantas ideias em dogmas e espadeirava tudo o resto. Como o apóstolo duma religião. Ora – segundo o seareiro (que, uma vez mais, o repetia) – “Para uma verdadeira educação filosófica, a fundamentação da ideia tem mais valor do que a própria ideia fundamentada. O que importa é explicar, esclarecer, pensar: não é meter no cérebro umas tantas coisas, ainda que da marca mais recente”. Consequentemente, se o empirismo lógico for utilizado para nos mostrar como se pensa, para nos dar exemplos de trabalho mental, estamos perante uma verdadeira vulgarização filosófica de contrário “será uma elegante pregação de dogmas, ou uma simples história de opiniões e de fórmulas, que criará pedantes e pretenciosos – sabedores sedicentes, mas ignorantes de facto”. Para evitar estes malefícios, Sérgio sugeria a Abel Salazar que não assumisse nos seus artigos de vulgarização filosófica “aquele tom anunciador e profético, aquele absolutismo e catastrofismo de seita, aquela injustiça para quem não é da igreja, aquele juízo sumário de quem possui um Decálogo”; que se limitasse, enfim, a examinar e a explicar; nada mais.

E por aqui teria ficado a polémica entre Abel Salazar e Sérgio se este não tivesse lido o artigo que aquele publicara *no Sol Nascente* do dia 15 de Junho; pelo menos, Sérgio diz que foi este artigo que “o fez perder a compostura”⁵⁹, ou seja, dizer aquelas “palavras a Abel Salazar” aparecidas na *Seara Nova* de 26 de Junho. Como dissemos já, cremos que Sérgio se referia ao artigo *d'O Diabo*, do dia 20 de Junho, onde era acusado por Abel Salazar de “desactualizado” e ignorante do empirismo lógico. E crêmo-lo, por duas razões: porque nada encontramos de ofensivo a Sérgio no artigo do dia quinze e porque “as palavras a Abel Salazar” em tudo se ajustam – menos na compostura – a uma réplica ao artigo do histologista portuense publicado *n'O Diabo* do dia vinte.

Mas seja qual tenha sido a razão primeira da reacção de Sérgio, as suas “palavras a Abel Salazar” são duma sobrançaria insolente e dum

pedantismo confrangedor. Reacção tanto mais difícil de entender quanto é certo que Abel Salazar sempre replicara às objecções acrimoniosas do seareiro com extrema correcção, ficando-se as acusações mais graves que lhe fez, pelos epítetos de "desactualizado" e ignorante do empirismo lógico. Infelizmente não podemos dizer que o autor dos *Ensaíos* tenha tido a mesma parcimónia em relação ao seu adversário. Na verdade, muito antes daqueles "madrigais" do histologista portuense, já Sérgio o acusara de dogmatismo, de vulgarizar uma filosofia inautêntica, de estar a efectuar uma faina anticultural, de simplificações colossais, de subestimação do rigor da análise e da exactidão, de suscitar ideias falsas ou ideias nenhuma com a sua vulgarização, de não fundamentar esta, de ser o apóstolo zeloso e maniqueísta duma nova fé e de uma nova religião e não de uma filosofia, etc..

Não se vê, portanto, razão objectiva para a diatribe sobranceira e acintosa com que fulminou o histologista portuense. A não ser uma pequena beliscadura no seu orgulho. Mas vejamos que "palavras" foram essas de que, em breve, se penitenciará.

Perante a impertubável teimosia de Abel Salazar às suas objecções metodológicas, perante a afirmação do histologista portuense de que as suas insistências pedagógico-didácticas derivavam da sua "desactualização" filosófica e, em particular, da sua ignorância do empirismo lógico, António Sérgio, irritado e truculento, retorquiu-lhe:

57

"Pois não vê o meu Amigo que nos não deve dar provas tão evidentes de que não tentou *percebero* que eu escrevi, nem o que leu nos folhetos dos empirológicos? Pois não vê que é absurdo o discutir comigo, fazendo-se forte ... com os folhetos de vulgarização das *Actualités scientifiques et industrielles*? Essa dos folhetos das *Actualités* já seria bem pouco de receber numa controvérsia entre dois rapaziños, estudantes de intrução secundária: mas entre um professor universitário (e investigador de mérito, meu Amigo) e um escritor de ideias da minha idade! Pois perdeu até esse ponto todo o sentimento das proporções?"

E logo após esta cáustica admoestação, dizia-lhe:

"o único género de argumentação que até hoje lhe vi usar, em matéria de filosofia [foi]: buscar um livrito de vulgarização de um dos seus autores empirológicos, – e copiar um trecho. Automaticamente, mecânicamente, sem nenhum *pensamento* traslada um trecho de um

Padre-da-Igreja (perdão: de um folhetito de um Empirológico) – e está tudo feito. Ora não está!”.

E insistia Sérgio, redundantemente: “crê, realmente, que se pode fazer filosofia *sem pensar*, e limitando-se uma pessoa a copiar alguns passos sem propósito dos folhetitos de vulgarização das *Actualidades científicas e industriais?*”. Obviamente que não; por isso lhe suplicava que *pensasse* um minuto só, nas objecções que lhe fizera e que durante esses minutos esquecesse os títeres de Viena e os seus folhetos!

Finalmente, Sérgio desferiu sobre o histologista portuense a estocada que terá sido, entre todas, a que mais o magoou. Advertiu-o que, com o seu procedimento, estava, a reabilitar Leonardo Coimbra, pois o autor de *Criacionismo* embora fosse “retórico e charlatão, sem dúvida alguma; (...) não tomou por pedras dos alicerces da sua cultura de filosofia – uns simples folhetitos de vulgarização”.

Eis Abel Salazar, tacanho e de cultura filosófica míope e empedernida, aquém do “retórico e charlatão” Leonardo Coimbra!

A diatribe de Sérgio causou grande alvoroço entre os amigos de ambas as partes; em alguns, até indignação.

Abel Salazar escreveu-lhe, de imediato, uma carta particular. Destinado. Tomando como pretexto uma tese acerca do juízo de predicação, reivindicada pelo seareiro como sua nas “palavras” que lhe dirigira no nº 515 da *Seara Nova* mas que, no entender do histologista portuense, tinha sido plagiada dum texto de Carnap publicado, em 1929, disse-lhe:

“*Caro Senhor* – Li os seus artigos do nº 515 da *Seara*, e fez-me sorrir a completa *étourderie* com que caiu nas ratoeiras que lhe armei. Mal sabe no que caiu, e no que se meteu, mas era necessário pôr em evidência a sua má fé, as suas inacreditáveis trapacices. Custou-me a crer no que me diziam, mas agora tenho disso a prova. E como eu perdôo tudo menos as faltas de lealdade e de honestidade intelectual, ponho ponto d’ora-avante nas minhas condescendências, e passarei a tratá-lo como justamente merece. Inútil esperar, porque agora tenho-o seguro nas mãos, e irei revelar ao público o que é o bluff António Sérgio. De resto, quanto mais esperar melhor, porque melhor prêsca me dará. Excelente: *nous allons rire*. Abel Salazar⁶⁰.”

Esta carta virá a ser publicada pelo próprio Sérgio, como argumento

de defesa, no início de 1938, nas páginas da *Seara Nova*, quando a polémica se reacendeu. Todavia não podemos esquecer que se trata de uma carta particular que lhe foi enviada por Abel Salazar logo após ter tido conhecimento das "palavras" insultuosas que lhe dirigiu o seareiro.

Evidentemente que o conhecimento destas circunstâncias não minimiza as responsabilidades de Abel Salazar nem torna a sua carta menos reprovável. Dá-nos, porém, algumas respostas. A primeira é que a carta indignada e insultuosa de Abel Salazar é uma resposta às "palavras" de jaez semelhante que lhe foram dirigidas por Sérgio; em segundo lugar, que as "palavras" deste foram públicas, enquanto a carta daquele foi particular (embora mais tarde publicitada por Sérgio em benefício próprio); em terceiro lugar, depois das "palavras" de Sérgio a Abel Salazar e da carta particular que este lhe escreveu, deixa de se perceber a surpresa do seareiro ao dizer que não estava já num debate de ideias mas perante "um problema prático, vital, humano, que exigia prudência, tacto, desvêlo, simpatia ..."⁶¹, fruto não do verdadeiro carácter de Abel Salazar mas "dessa espécie de acidentes fisiológicos a que todos os indivíduos estão sujeitos, e que nos põem em contradição connosco próprios"⁶²; ou seja: Sérgio não tinha qualquer pejo em afirmar que o seu interlocutor estava, psiquicamente, transtornado, pelo que não havia mais razão para o debate de ideias continuar, devendo dar lugar a um outro tipo de intervenção ...

Ora a carta de Abel Salazar não foi extemporânea. Nem os alegados plágios de Sérgio teriam sido rebuscados, caso as suas "palavras" a Abel Salazar não tivessem sido tão contundentes e ofensivas. É verdade que o histologista portuense falou em "ratoeiras" e numa acção premeditada para denunciar a má fé e a desonestidade de Sérgio. Não creio que Abel Salazar – embora o tenha dito – tenha maquinado, premeditadamente, qualquer acção para ofender Sérgio. Antes me parece uma prosápia verbal e destemperada de alguém apanhado de surpresa e profundamente magoado. Em duas razões abono esta minha convicção: a primeira, é um conjunto de testemunhos que o distinguem como um homem de cândida ingenuidade, incapaz de ofender alguém, deliberadamente⁶³; a segunda, é não ter sido ele quem detectou os alegados plágios de Sérgio, mas Luis Reis Santos, limitando-se o histologista portuense a esgrimi-los, aturdidamente, num gesto dramático e nada polido (no que ficava muito aquém do seu adversário).

De qualquer modo, o que me parece claro – e que Sérgio, sibilinamente, confundiu – é que a carta particular que Abel Salazar lhe enviou não foi a reacção de um dementado, mas a reacção imediata de um homem profundamente ferido e indignado, que viu a sua idoneidade moral e intelectual

postas em causa e que apenas não soube escolher – ao contrário do seu opositor – as palavras certas para a manifestar.

Mas a reacção de Abel Salazar não se limitou a essa carta particular; simultaneamente, enviou a Joaquim Madureira Braz-Burity, director d'O *Diabo*, um conjunto de artigos, com o pedido de publicação urgente, contra aquele que ele confessava ser, "o maior pantomineiro deste mundo, e o mais fantástico *bluff* que se pode imaginar"⁶⁴: António Sérgio. O primeiro desses artigos chegou mesmo a ser composto, mas não publicado por ordem de Abel Salazar⁶⁵. É que, entretanto, a pedido de Sérgio, que receou uma escalada incontrolável do conflito, Ferreira de Macedo, Francisco Pulido Valente e Bento de Jesus Caraça, intervieram para o derimir, apelando a um e a outro para que o dessem por terminado⁶⁶.

As razões invocadas nesse apelo – que foi dirigido a ambos em termos semelhantes – sabemos-las pela carta que as personalidades supracitadas enviaram a Abel Salazar, em 5 de Julho de 1937, e da qual reproduzimos um excerto elucidativo:

"Como homens irmanados com V.Ex.^a e o seu interlocutor num mesmo conjunto geral de ideias e aspirações (sobre as diferenças não há que apoiar neste momento) receamos que a feição nova que a polémica está a ponto de tomar mais prejudique do que beneficie essas ideias e aspirações, mormente se atendermos à gravidade excepcional do momento que vivemos e que exige de nós, parece-nos, uma afirmação de unidade na tensão dos nossos esforços para um fim"⁶⁷.

Como se vê, apelava-se a que ambos dessem por encerrado o seu contencioso cultural em nome da unidade de oposição à Ditadura, ou seja, por razões políticas. E deram. No *Sol Nascente*, de 1 de Agosto, Abel Salazar informava que escrevera a Ferreira de Macedo, Pulido Valente e Bento Caraça, declarando que não prosseguiria a discussão e, em carta particular ao *Diabo*, solicitava a suspensão dos seus artigos contra Sérgio. Este, por sua vez, tomou idêntica atitude, fazendo-a acompanhar, porém, de uma nota sob a forma duma "explicação e reprovação de uma desmesura própria", que publicou no nº 519 da *Seara Nova*, de 24 de Julho.

Nessa nota reafirmou, uma vez mais, que nunca foi sua intenção contestar a competência e as boas intenções de Abel Salazar mas somente o seu método de vulgarização filosófica. Nada mais. Se se excedeu foi porque o seu adversário o capitulou de ignorante e de delitos imaginários, levando-o mesmo a perder a compostura depois que leu um seu artigo no *Sol*

Nascente. Porém, desses excessos se retractava e, publicamente, os reprovava, rectificando-os, "em patente elogio de Abel Salazar".

E assim chegava ao fim o pleito entre duas das mais interessantes e carismáticas figuras da cultura portuguesa da década de 30.

Mas nem tudo acabara. Havia feridas por cicatrizar que, ao menor estímulo favorável, inevitavelmente, reabririam. E reabriram, por iniciativa e responsabilidade de Abel Salazar. Para a intumescência da sua iniciativa não deve ter contribuído pouco o apoio e solidariedade dos seus amigos e correligionários. Nas suas palavras encontrou, certamente, alimento para o seu ressentimento e um acicate para a desafronta. A este propósito vale a pena destacar dois testemunhos: o de Jaime Brasil, jornalista do *República* e amigo de Sérgio⁶⁸ e o de Ruy Luis Gomes, na altura jovem matemático e amigo de Abel Salazar.

O primeiro, em carta de 25 de Julho dirigida ao histologista portuense⁶⁹, depois de lhe protestar a sua "devotadíssima", admiração, confessava-lhe quanto o surpreendera a atitude de Sérgio que não supunha "tão cristalizado nas doutrinas com que fez a sua formação mental, tão reaccionário, tão vaidoso". É certo que, desde há muito – desde os tempos em que polemizara com Proença – "sabia que os homens da *Seara Nova* tinham a pretensão de serem os semi-deuses da mentalidade portuguesa e únicos porta vozes do que ia pelo mundo em matéria de cultura". Ainda, recentemente, Bento de Jesus Caraça lhe falara do "espírito claustral do cenáculo da *Seara*", a propósito da refração do grupo perante uma ideia sua de criar um suplemento de vulgarização literária e científica autónomo da revista. Todavia, não julgava Sérgio imbuído desse espírito eclesiástico e narcísico. Mas – disse ao histologista portuense em carta de 6.8.37 – dado que estava inquinado por ele, o melhor era aceitá-lo como era, levando à conta de trauma da adolescência – Sérgio estivera na Marinha – o seu hábito de comandar, de considerar todos como subalternos, oficiais inferiores ou simples marujos. Por outro lado – disse Jaime Brasil – embora com mesquinhhez e sob o impulso da vaidade, era inegável que Sérgio tinha prestado alguns serviços à cultura, chamando a atenção para certos problemas e estimulando o sentido crítico. Ele mesmo beneficiara do magistério do seareiro, muito embora tivesse de joeirar os seus ensinamentos de "muita parlapatice abstruza". De qualquer modo, algum mérito lhe cabia na ilustração do escol lusíada que não podia deixar de se levar em linha de conta⁷⁰.

Ruy Luis Gomes foi muito mais contundente. Em carta s/d.⁷¹, felicitava o seu amigo histologista pelas "réplicas magistrais" que infligira ao seareiro, de quem não esperava tais excessos nem "tanta asneira", mos-

trando um verdadeiro desplante em matérias em que era "uma verdadeira nulidade". Mas para o jovem e brilhante matemático portuense, a reacção de Sérgio tinha uma explicação: era a expressão viva e actual dos interesses duma ideologia de classe – a ideologia burguesa – apostada em perpetuar a ignorância popular ou realizá-la a seu talante e medida para melhor a explorar; Sérgio era a primeira batalha de uma guerra, era o primeiro passo num apartar de águas que estava no seu começo. Havia que ir em frente no combate a esses "manipañços" da burguesia. E exortava Abel Salazar a fazê-lo.

Ora foram, certamente, reacções deste teor, que levaram ao extravasamento dos azedumes acumulados de Abel Salazar. Vejamos como isso aconteceu.

A pedido da *Seara Nova*, o almirante Gago Coutinho escreveu para esta revista um conjunto de artigos dedicados aos alunos do ensino liceal sobre "Mecânica clássica e Mecânica relativista", publicados nos n.ºs 534, 535, 536 e 537, de 6, 13, 20 e 27 de Novembro de 1937, respectivamente. Neles, o prestigiado almirante punha em causa a *Relatividade Restrita* que Ruy Luis Gomes, havia poucos meses, expusera em Lisboa, num conjunto de lições, a convite do *Núcleo de Matemática, Física e Química*². Este contra-ataque provocou o envio de uma nota do citado *Núcleo* à *Seara Nova*, que a publicou na sua edição de 11 de Dezembro, onde se esclarecia que a Teoria da Relatividade era hoje obrigatória em qualquer curso de introdução à Física moderna (bastava ter em conta as afirmações que, a seu propósito, fizera Broglie na sua *La physique nouvelle et les quanta*, 1937), que o Prof. Ruy Luis Gomes tratara o assunto, superiormente, distinguindo-se "pela elegância e originalidade das suas deduções matemáticas, e pelo agudo sentido físico e filosófico da sua exposição", que considerava grave que Gago Coutinho se tivesse dirigido, em particular, a alunos do ensino liceal, porquanto estes, eventualmente ofuscados pelo prestígio do seu nome (feito em campo e assuntos diferentes) poderiam "criar a falsa opinião de que a teoria da relatividade consistia num amontoado de absurdos, contribuindo assim para desenvolver em jovens estudantes uma mentalidade de desconfiança perante a ciência"; finalmente, o *Núcleo* escusava-se a contestar as teses do almirante, dado que a *Seara* já tinha convidado o prof. Ruy Luis Gomes a fazê-lo.

Porém, antes mesmo desta nota do *Núcleo de Matemática, Física e Química* já Abel Salazar fizera publicar no *Sol Nascente* de 1 de Dezembro um contundente comentário aos artigos de Gago Coutinho e à revista que lhe dera guarida. Considerando esses artigos "abaixo de qualquer discus-

são" e "um amontoado de disparates", surpreendia-se que uma revista como a *Seara Nova*, que se arrogava em expoente da renovação mental do país, transigisse na sua publicação mostrando-se, afinal, tão anacrónica e, intelectualmente, atrasada como o almirante. Em seu entender, só havia uma explicação para isso: ou o seu director – António Sérgio – não lera os artigos e, diz Abel Salazar, "não sabemos como a dirige – ou, se os leu, nada compreendeu do que leu – e nesse caso ainda não sabemos como os publicou".

Era um desafio à reabertura das hostilidades. Sérgio respondeu-lhe através duma "Explicação aos leitores da *Seara Nova*", publicada no nº 539, de 11 de Dezembro. Num tom amargo e cordial, lamentava que Abel Salazar tivesse atacado a *Seara* no *Sol Nascente* de um modo tão pessoal, apaixonado e rancoroso, fazendo votos para que recobrasse a superioridade de espírito, aquele luminoso senhorio de si, aquela largueza e serenidade de ânimo incompatíveis com o ódio que revelara.

Quanto à colaboração de Gago Coutinho, Sérgio lembrou que a *Seara* sempre abrisse as portas mesmo àqueles de quem discordava (exemplo disso era o próprio Abel Salazar), reservando-se, no entanto, o direito de comentar, posteriormente, os seus pontos de vista; desse modo evitava-se a censura prévia e o espírito inquisitorial que não devia presidir nunca ao debate de ideias.

Quanto à *Seara*, Sérgio lembrou, também, que ela nunca pretendeu ser, como afirmara Abel Salazar, um eco janota e provinciano das modas culturais. Pelo contrário. A sua primeira ambição foi nunca papaguear doutrinas recentes nem ser um periódico de vulgarização científica mas, sim, "uma revista cívica e pedagógica – política, digamos, na acepção mais ampla de tal palavra". Por isso, a *Seara* – concluiu Sérgio - mais do que vulgarizar conteúdos, pretendeu, sempre, fornecer uma forma de pensá-los – com clareza de ideias, com nitidez de juízo, com rigor e objectividade crítica, com desdém pelo ódio e pelo mesquinho, com amor ao bem público, à nobreza de sentimentos e ao heroísmo cívico; objectivos que, momentaneamente, Abel Salazar parecia ter esquecido – na óptica do seareiro.

Ora, perante esta réplica cordata, o histologista portuense saiu à liça atacando Sérgio nas páginas do *Sol Nascente* de uma maneira violenta e grosseira. A diatribe, em aspectos negativos, avantajou-se, em muito, às "palavras" que Sérgio lhe dirigira em 26 de Junho de 1937 na *Seara*.

Que levou Abel Salazar a desenterrar o machado de guerra quando parecia que o próprio Sérgio apelava às tréguas? Razões subjectivas, tê-las-ia, decerto. Fora afrontado no passado e não se julgava, suficiente-

mente, reparado das supostas injúrias que lhe dirigira o seareiro. E que esta insatisfação existia prova-a o facto de ter, então, enviado a Braz-Burity director d'O *Diabo*, uns artigos de desafronta onde procurava desacreditar Sérgio, denunciando-o como plagiador; esses artigos porém, por intervenção sua, não foram publicados, sendo-lhe posteriormente devolvidos, a seu pedido. Mas não os destruiu.

Ora foi um desses artigos – “O bluff António Sérgio” – que Abel Salazar mandou *para o Sol Nascente*⁷³. Nele, o seareiro é, sucessivamente apodado de “crítico sem pés nem cabeça”, de “exemplo de vacuidade intelectual, de inépcia filosófica, de inaptidão crítica, de pífia dialéctica, de mísera sofística”, de “personagem grotesco destituído de qualquer valor seriedade”, de “corcunda perfeitíssimo do nosso neofilosofismo”, de Acácio, de Tartufo, de Mr. Proudhomme, de Pontifex Maximus, de Cristão laico, etc., etc., num dardejar de insultos em catadupa que parecem visar liquidação súbita e definitiva do seu adversário. E a coroar esta brotoeja Abel Salazar estigmatizou-o com o labéu de plagiador; plagiador de Brunschvicg e Carnap⁷⁴.

Sem dúvida que a influência destes dois filósofos é visível nos textos de Sérgio que Abel Salazar alega serem plágios. Ao primeiro foi, efectivamente, buscar a sua distinção entre o cartesianismo ideal e o cartesianismo real⁷⁵; ao segundo, directa ou indirectamente, foi buscar um texto sobre juízo de predicação (publicado pelo filósofo austríaco na *Erkenntnis*, em 1930), publicando-o numa nota final da 2ª edição do 3º volume dos seus *Essays* onde o apresentou não só como seu mas como sendo anterior e mais claro do que o do filósofo austríaco (onde o fora buscar!)⁷⁶.

Sem pretender ilibar Sérgio de responsabilidades – omitiu as fontes e afirmou como seu um texto doutrém – parece-me que a acusação de Abel Salazar peca por excesso e por um zelo suspeito; e, sobretudo, não justifica de modo nenhum, o labéu que lançou sobre o seareiro. Cabe até perguntar que autoridade moral tinha o histologista portuense para criticar o seu adversário se, também ele, no *Ensaio de Psicologia Filosófica* (1915) utilizou profusamente e sem identificar a fonte – e tantas vezes *ipsis verbis*! – o *De L'Intelligence* de Taine? E não voltou a recair, no mesmo lapso, na primeira das conferências que pronunciou na Faculdade de Medicina de Lisboa, em Fevereiro de 1933, servindo-se à farta e sem identificação das fontes, duma obra de vulgarização filosófica da autoria de André Crésson. Os alegados plágios de Sérgio foram, sim, – em minha opinião – o pretexto há muito esperado por Abel Salazar para consumir uma desafronta e regularizar umas contas atrasadas em que se sentia prejudicado.

Obviamente que o libelo insultuoso do histologista portuense não ficou sem resposta⁷⁷. Mas Sérgio deu-a – segundo disse – depois de “hesitações infinitas, e como quem se submete a um trabalho forçado, cheio de dôr e de confusão”. Não movido – advertiu – pelo ressentimento e animosidade para com o médico portuense, cujas exaltações súbitas atribuía, não ao seu verdadeiro carácter, mas a essa “espécie de acidentes fisiológicos a que todos os indivíduos estão sujeitos e que nos põem em contradição conosco próprios”. Aliás – acrescentou Sérgio – foi um desses “acidentes fisiológicos” – a carta particular que Abel Salazar lhe enviou em resposta às suas “palavras” de 26 de Junho de 1937 publicadas na *Seara* – que o levou a interceder junto de alguns amigos para pôr termo ao conflito que o opusera a Abel Salazar⁷⁸.

Quanto ao teor da polémica em que se envolvera, Sérgio revelou que o seu adversário, em carta particular, reconheceu como absolutamente exactos os reparos que lhe fizera ao modo como efectuava a vulgarização cultural, confessando, simultaneamente, não ter qualidades de vulgarizador e estar na disposição de ceder o seu lugar a quem melhor a pudesse fazer⁷⁹. Em contrapartida – ainda segundo Sérgio – ao mesmo tempo que dizia isto em particular, em público, ou seja, na *Seara*, no *Sol Nascente* e no *Diabo*, “afirmava precisamente o contrário”, atribuindo as suas objecções à ignorância e à desactualização filosófica. Foi isto – segundo Sérgio – que o fez perder a compostura.

Quanto à acusação de plagiador, Sérgio disse a Abel Salazar – ainda na *Seara* (nº542) – que se tivesse na conta de plágio o que dissera sobre o juízo de predicação na sua nota final à 2ª edição do 3º volume dos seus *Ensaíes*, não teria chamado a atenção do histologista portuense para sua semelhança entre ela e o texto de Carnap (diga-se, de passagem, que aqui Sérgio escamoteia a verdade, porquanto mais do que a semelhança de textos, o que Abel Salazar contesta é o facto do seareiro apresentar como seu e anterior a Carnap, um texto que foi buscar a este e quase reproduz *ipsis verbis*).

Quanto à acusação de *bluff*, Sérgio repudia-a por duas ordens de razões: a primeira é que não o consideram como tal pessoas do quilate de Joaquim de Carvalho, Vieira de Almeida, Mark Athias, Celestino da Costa, Roberto Chaves, Henrique de Vilhena, Bento Caraça, Ferreira de Macedo, Newton de Macedo, Aurélio Quintanilha, etc.; em segundo lugar – e razão mais importante que a anterior – é que não é possível fazer-se *bluff* quando se faz trabalho de análise, de elucidação de ideias – como é o seu caso. E numa clara alusão a Abel Salazar, conclui: “pode-se copiar a *ciência* alheia;

não se pode copiar a actividade *elucidadora* de um verdadeiro espírito”.

Ora todos sabem – lembra Sérgio – que os seus artigos não são depósitos de ciência acumulada, não são uma mercancia e, menos ainda, não se distinguem pela moda; são, sim, textos de análise e exame crítico, de avaliação de ideias, que apelam a uma ginástica e movimento mental que, obviamente, não são plagiáveis. Por isso, colocar a propósito da sua obra – como faz Salazar – problemas de plágio é desconhecê-la, porque se algo de valioso ela tem não são os conhecimentos eruditos – mero pretexto – mas uma disciplina intelectual, um espírito crítico que vale para análise de qualquer conhecimento em particular. É nesta capacidade, que embora forjada na reflexão das coisas particulares, as transcende e insere numa ordem mais geral e mais objectiva, que consiste a verdadeira actividade cultural; é esta que pratica Sérgio e nada mais que esta, de que Abel Salazar – no entender do seareiro – não se deu conta, lamentavelmente, tergiversando a discussão para problemas secundários.

Abel Salazar replicou: *no Sol Nascente*⁸⁰ e *no Diabo*⁸¹. Reiterou a acusação a Sérgio de plagiador – acusação, em sua opinião, não desmentida – de ignorante e sobranceiro quanto aos “folhetitos” das *Actualités* (que eram, afinal, traduções de artigos publicados na *Erkenntnis*) de falta de probidade intelectual (ao publicar cartas particulares sem autorização do autor, como o fizera em relação às suas, publicando-as no nº 542 da *Seara Nova*), de deformar textos e de substituir palavras do adversário para melhor atingir os seus fins.

Sérgio, porém, conforme dissera já na *Seara* de 1 de Janeiro, não voltaria à discussão. E não voltou. Abel Salazar indignado, escreveu, então, uma carta ao director do *Sol Nascente*, solicitando-lhe a suspensão dos restantes artigos contra Sérgio que lhe tinha enviado⁸²; alegando a “feição (...) singular, vesga e mesmo sinistra, em seus bastidores e *bas-fonds*” que tomara a polémica.

E assim chegou ao fim uma polémica iniciada com a intenção construtiva de aprofundar o problema crucial da vulgarização cultural, especialmente, a científica e filosófica. Podemos-nos interrogar, depois de tanta vicissitude, se lhe descortinamos saldo positivo. Evidentemente que sim.

Ambos os contendores revelaram interessantes traços psicológicos da sua personalidade. Sérgio, mais frio e racionalista que Abel Salazar, mais habituado à porfia erística e à distinção entre as palavras e as coisas, desvalorizando estas a favor daquelas, elitista, petulante e sobranceiro. O histologista portuense revelou-se excessivamente emotivo, confundindo palavras e coisas, populista, exaltado, e crédulo até à ingenuidade.

Não pondo nunca em causa a necessidade do envolvimento político-social do *clerc*, ambos dissentiam, porém, quanto ao modo de se cumprir esse *desideratum*. Para Sérgio, a vulgarização de informações – como pretendia Abel Salazar – era um processo inadequado, trazendo mais prejuízos que benefícios, porquanto reforçava o que se pretendia erradicar: o dogmatismo e o autoritarismo. Para Abel Salazar, a vulgarização de problemas – como pretendia Sérgio – era duplamente nociva: 1^o – porque era impossível tratar de problemas sem uma informação prévia, sob pena de se cair numa logomaquia; 2^o – a contínua problematização sem soluções, ainda que provisórias, conduziria os iniciados ao cepticismo e ao niilismo com todos os prejuízos inerentes à vida cívica.

Em suma: Sérgio defendia que na vulgarização cultural aos iniciados se devia privilegiar a aprendizagem de problemas, duma maneira de pensar, sendo os conhecimentos um mero pretexto para adestrar ou exercitar essa ginástica mental; Abel Salazar, sem rejeitar esta, defendia, porém, que devia ser precedida por um certo grau de informação. Os pontos de vista de um e outro parecem complementares. E certamente que o são. Mas partir de um ou outro conduz a consequências muito distintas, como já vimos. De qualquer modo, eu creio que muitos dos equívocos em que ambos caíram se deve ao facto de não terem feito uma distinção clara entre a vulgarização científica e a vulgarização filosófica. Nesta é mais aceitável o ponto de vista de Sérgio como naquela o é o ponto de vista de Abel Salazar. Mas ambos tomaram a parte pelo todo.

Mas esta polémica revelou também pontos comuns entre ambos que eram, certamente, partilhados por muitos outros: a sua convicção do papel determinante das ideias, especialmente das ideias científicas e filosóficas, na transformação da realidade político-social; a importância do debate de ideias para derimir conflitos; um projecto vago e comum de unidade contra a Ditadura que as dissensões individuais não deviam pôr em perigo; a sua convicção de que a popularização da cultura era um facto determinante na reforma das mentalidades e na educação cívica com vista a um Portugal democrático.

Mas se a polémica com Sérgio terminara, não terminou com ela a vulgarização científica e filosófica encetada por Abel Salazar.

À medida que a polémica ia decorrendo, o histologista portuense ia, igualmente, vulgarizando o pensamento positivo contemporâneo – especialmente o empirismo lógico – em várias publicações periódicas mas, sobretudo, no *Diabo*. E o desenlace do pleito não o dissuadiu de continuar a sua cruzada. Pelo contrário. Não só a continuou como na ressaca do dife-

rendo, retomou a problemática da vulgarização científica e filosófica, justificando-a de uma maneira muito mais clara e sólida do que o fizera antes. O que revela que a polémica não fora apenas um lamentável equívoco e um atoleiro de insultos, mais ou menos polidos.

Reconhecendo quanto a vulgarização científica era difícil, não a considerava, no entanto, impossível. Para se realizar com êxito havia, porém, que se acautelar a satisfação de algumas exigências prévias: em primeiro lugar, definir, claramente, o que devia entender-se por vulgarização cultural; em segundo lugar, distinguir-se os resultados adquiridos numa ciência dos esforços para os adquirir, ou seja, uma teoria científica construída da sua construção; em terceiro lugar, distinguir numa teoria científica o que nela há de fundamental e acessório⁸³.

Posto isto, qualquer ciência – na opinião de Abel Salazar – era susceptível de vulgarização. Mas nem todos pensavam assim. Para uns – e aqui o visado era Sérgio – não só a vulgarização científica e filosófica exigia a especialização e a crítica (sob pena de ser deformadora, simplista e dogmática) mas punha-se mesmo o problema de se saber até que ponto essa vulgarização era possível relativamente ao público⁸⁴. Questão absurda – segundo o histologista português. Em primeiro lugar, porque não era preciso ser um virtuose da matemática ou de qualquer outra ciência para conhecer os seus problemas fundamentais, tal como para sabermos música não precisávamos de saber tocar um instrumento⁸⁵. O conhecimento dos problemas fundamentais das ciências não exigia, pois, uma especialização prévia; conseqüentemente, para vulgarizar conhecimentos científicos fundamentais não era preciso ser um especialista. Em segundo lugar, sendo a especialização o resultado do desenvolvimento do trabalho científico, competia, sobretudo, aos cientistas a resolução dos problemas científicos, a superação dos seus obstáculos e não a difusão e vulgarização dos seus resultados (embora o pudessem fazer – como fez Einstein). Em terceiro lugar, embora a crítica não devesse estar ausente da vulgarização científica era bom lembrar – advertiu Abel Salazar – que ela “tem em ciência e em filosofia apenas um papel correctivo de fiscalização que não pode interessar o público em geral”⁸⁶ a quem “seria (...) absurdo fazer uma apresentação crítica antes de fazer uma apresentação dos factos”⁸⁷.

A vulgarização científica podia, pois, ser feita por um não especialista (sem que isso implicasse deformação e simplismo), não tinha de ser exclusivamente crítica (o que não excluía esta) e devia antepor a informação à problematização sob pena de lançar o leitor num caos.

Que se devia, então vulgarizar? Segundo Abel Salazar, as conclu-

sões e resultados das ciências⁸⁸. Não se tratava de uma atitude dogmática, como à primeira vista poderia parecer. Era um procedimento justificável, por várias razões: 1^o – as teorias científicas e filosóficas quando elaboradas e cristalizadas eram, em geral, mais simples e mais fáceis de entender do que os seus processos de aquisição e construção; 2^o – nessas teorias cristalizadas, como aparecia mais facilmente a sua estrutura fundamental, mais fácil se tornava a sua exposição⁸⁹; 3^o – os resultados das ciências eram um património público, um senhorio comum que nenhuma elite tinha o direito de sonegar, invocando para isso a sua alta complexidade e perigos de distorção⁹⁰; 4^o – havia que ter em conta a diferença fundamental entre o que é a construção de uma ciência e a sua exposição didáctica⁹¹.

Como é fácil de entender – disse Abel Salazar – na exposição didáctica entram métodos e processos que estão arredados da construção científica. É um tipo de exposição com finalidade e processos próprios que não implicam, necessariamente, – como, por vezes, se crê – a deformação e o dogmatismo. Essa finalidade é, acima de tudo, a apresentação de conclusões, ainda que provisórias; mas as menos provisórias que apresenta uma ciência num dado momento da sua evolução histórica⁹².

Ora sendo a ciência um saber em devir (como a filosofia), como dá-la a conhecer senão apresentando-a didacticamente, ou seja, apresentando, sistematicamente, as suas conclusões provisórias, codificando-as segundo um certo método? Ora, a exposição didáctica – segundo Abel Salazar – não difere da divulgação a não ser na finalidade⁹³, ou seja, quanto ao público a que se destina. O que na matemática interessa a um engenheiro não é exactamente o mesmo que interessa ao historiador, ao filósofo, ao lógico, ao homem culto, etc. Posto isto, a vulgarização pode definir-se como sendo “uma codificação dos resultados da ciência, das suas conclusões, referentes a um determinado estado dela, e apropriada a um determinado público”⁹⁴.

O nó da vulgarização residia, pois, – para Abel Salazar – na relação existente entre certas conclusões da ciência e o interesse público. Não era, pois, uma questão de “deformação incorrecta” ou de “simplificações colossais” mas apenas um problema de escolha e de selecção, de correcta codificação do material seleccionado e duma ajustada correlação deste material ao interesse público⁹⁵. Vulgarizar a ciência acabava por ser algo semelhante, segundo Abel Salazar, ao mostrar uma obra de arte: para o efeito é desnecessário saber como foi criada; o importante é que a sua apresentação seja bem feita e o público se interesse por ela⁹⁶. Por isso, as objecções à vulgarização cultural (científica e filosófica especialmente) acusação de

que é uma faina anticultural mais nociva que benéfica, resulta, no entender do histologista português, duma falsa compreensão do que se deve entender por vulgarização da cultura e do vício de mentalidades inquinadas dum elitismo mórbido.

A terminologia, a técnica, a crítica, a discussão, a especialização, etc., embora úteis à ciência não lhe são essenciais – segundo Abel Salazar; elas só existem quando há problemas e obstáculos a superar. Por isso, a crítica e a discussão científicas não devem intervir na codificação provisória destinada à vulgarização, dado que esta não visa a transformação do público numa colectividade erudita e especializada, mas apenas levá-lo a uma maior consciencialização da sua relação com o cosmos, com a vida e consigo próprio⁹⁷. Pensar o contrário – diz Salazar – ou é ignorância ou pedantismo intelectual; ou ambas as coisas simultaneamente⁹⁸.

Expirava, assim, a luta fratricida entre Abel Salazar e Sérgio. Curiosamente, nem um nem outro abriram mão de cedências na questão que os pusera em litígio, não só no decurso deste mas mesmo depois, como podemos verificar no primeiro número da *Síntese* (Coimbra) para a qual ambos escreveram sobre o problema da cultura e da sua divulgação, reiterando – mas sem reentrar em polémica – os pontos de vista que, já antes, tinham sobejamente defendido⁹⁹. Foi uma intransigência que a nenhum aproveitou e a nenhum engrandeceu; pelo contrário: a ambos apequenou. Talvez com menos prejuízos imediatos para Abel Salazar, dado que em 1938, a sua carreira de artista plástico atingia o zénite com duas exposições que assombraram Porto e Lisboa.

NOTAS

- 1 – Gil Braz, "Grandeza e Miséria da Instrução Popular", in *Ação Nacional*, Ano II, nº 70, 28.9.1935, pp. 1-2.
- 2 – D., "Um malffeito", in *Diário da Manhã*, 9.2.1935, p. 7.
- 3 – Ninguém, "O trabalho", in *Revista Católica*, nº 32, 7.8.1936, p. 1.
- 4 – Abel Salazar, [Inéditos], B.G.U.M., misc. nº 32980, p. 28.*
- 5 – Idem [Inéditos], B.G.U.M., misc. nº 32980, p. 44.
- 6 – Idem [Inéditos], B.G.U.M., misc. nº 32980, p. 46.
- 7 – A propósito da vigilância da Censura sobre a imprensa periódica, ver *A política de informação no regime fascista*, comp. e coord. pela **Comissão do Livro Negro sobre Regime Fascista**, Lisboa, Presidência do Conselho de Ministros, 1980, pp. 11-115.
- 8 – "Kretschmer e os plotinozinhos", in *Sol Nascente*, nº 3, 2.3.1937, pp. 7 e 12.
- 9 – "Simples comentário a um artigo do sr. dr. Abel Salazar", in *Sol Nascente*, nº 4, 15.3.1937, pp. 4 e 13.
- 10 – "Carta ao Sr. Dr. Casais Monteiro", in *Sol Nascente*, nº 5, 1.4.1937, pp. 4-6.
- 11 – "Continuando a comentar", in *Sol Nascente*, nº 6, 15.4.1937, pp. 4-5.
- 12 – "2ª Carta ao Sr. Dr. Casais Monteiro", in *Sol Nascente*, nº 7, 1.5.1937, pp. 4-6 e pp. 13-14; Idem, "3ª Carta ao Sr. Dr. Casais Monteiro", in *Sol Nascente*, nº 8, 15.5.1937, p.6, carta esta continuada no nº 9, deste mesmo periódico, de 1.6.1937, pp. 10-12.
- 13 – "Procurando evitar equívocos – Carta ao Sr. Dr. Abel Salazar", in *Sol Nascente*, nº 10, 15.6.1937, pp. 12-13.
- 14 – Abel Salazar, "O bluff António Sérgio", in *Sol Nascente*, nº 22, 1.1.1937, p. 4.
- 15 – *Ibid.* Ver também, a este propósito, a carta que Domingos Elias Soares escreveu a Abel Salazar (Inéditos, B.G.U.M., misc. nº 32980, pp. 59-61). Por esta carta ficamos a saber que o histologista português manifestara a Sérgio a intenção de criar um jornal. Como o seareiro sabia que o seu amigo Domingos Elias Soares tinha, entre mãos, idêntico projecto, deu-lhe conhecimento do teor da carta de Abel Salazar. Domingos Soares escreveu, então, ao histologista do Porto, convidando-o à fusão dos dois projectos, enviando-lhe, para o efeito, os pontos fundamentais do seu para que os analisasse e corrigisse a seu talante. Segundo Domingos Soares, o projectado periódico teria como directores Bento de Jesus Caraça (que já anuira ao convite) e Rodrigues Lapa, destinando-se a gente nova – como estudantes, operários e professores – a quem procuraria inculcar "uma mentalidade nova, estruturalmente científica". Ignoramos o que fez gorar o projecto, mas entre as suas causas não é de excluir o litígio em que Abel Salazar se veio a envolver.
- 16 – Antelóquio de António Sérgio ao artigo de Abel Salazar, "Pensamento lógico, pré-lógico e psicológico. Pensamento emotivo, pensamento lógico e empirológico", in *Seara Nova*, nº 505, 15.4.1937, p. 3.
- 17 – *Ibid.*
- 18 – *Ibid.*
- 19 – *Ibid.*
- 20 – *Ibid.*, pp. 3-7.
- 21 – Abel Salazar, "Pensamento psicológico e biótipos", in *Seara Nova*, nº 508, 6.5.1937, pp. 63-68.
- 22 – António Sérgio, "Notazinha ao artigo de Abel Salazar", in *Seara Nova*, nº 515, 26.6.1937, p. 211. Também, em carta particular datada de 11.6.37, disse o seareiro a Abel Salazar: "Creio que não precisarei de dizer-lhe que não discuto a sua competência, o seu saber, a sua probidade intelectual, etc., mas exclusivamente a forma como realiza ou concebe a faina de vulgarização. Ora, o talento e o bom método de vulgarização são coisas *sui generis*,

* A sigla B.G.U.M. é a abreviatura de *Biblioteca Geral da Universidade do Minho*.

que em geral se não encontram nos grandes criadores científicos, ou que, pelo menos, são distintas, da competência propriamente científica" (in [Inéditos] . B.G.U.M., misc. nº 32980. p. 83v.).

23 – **António Sérgio**, *Ensaio*, VII, Lisboa: Livraria Sá da Costa Editora, 1974, p.111.

24 – *Ibid.*, p. 115.

25 – **António Sérgio**, *Ensaio*, I, 2ª ed., Lisboa: Livraria Sá da Costa Editora, 1976, p.122. Ver também do mesmo autor *Ensaio*, VI, Lisboa: Livraria Sá da Costa Editora, 1971, p. 66.

26 – *Ibid.*, p. 122.

27 – **António Sérgio**, *Ensaio*, I, ... p. 122.

28 – **António Sérgio**, *Democracia – Diálogos de doutrina democrática, alocação aos socialistas. Cartas do terceiro homem*, Lisboa: Livraria Sá da Costa Editora, 2ª ed., 1974, p. 354. Ver, também, do mesmo autor os *Ensaio*, II, Lisboa, Livraria Sá da Costa Editora, 1972, p. 185.

29 – **Abel Salazar**, *Introdução Geográfico-sociológica à História de Portugal*, Lisboa, Livraria Sá da Costa Editora, Lisboa, 1973, p. 9.

30 – **Bento de Jesus Caraça**, *A Cultura Integral do Individuo – problema central do nosso tempo*, Lisboa: Mocidade Livre, 1933, p. 39.

31 – **António Sérgio**, *Introdução Geográfico-sociológica à História de Portugal ...* pp. 9-10. É interessante recordar que, já em 1932, o ensaísta Navarro Monzó, de passagem por Portugal, aonde se deslocara a convite da Junta de Educação Nacional, defendera uma concepção de cultura afim da de Sérgio. **Fernando Lopes Graça**, em resposta a um inquérito da *Seara Nova*, referir-se-á, expressamente, aos pontos de vista do ensaísta argentino em matéria de cultura com os quais estava, inteiramente, de acordo, ou seja, que a cultura devia ser acima de tudo uma atitude de espírito, um método de desenvolvimento de capacidades com vista ao conhecimento do universal e do objectivo (*Seara Nova*, nº 423, 10.1.1934, p. 234).

32 – **António Sérgio**, *Democracia*, ... p. 274.

33 – *Idem*, *Ensaio*, V, Lisboa: Livraria Sá da Costa Editora, 1973, p. 9.

34 – **Abel Salazar**, "Pensamento positivo contemporâneo. Um parentesis ...", in *O Diabo*, 9.5.1937, p.2.

35 – *Ibid.*

36 – *Ibid.*. O mesmo **Abel Salazar** diz em "Outra Paragem ...", *O Diabo*, 27.6.1937, p. 8.

37 – *Ibid.* *Idem*, "Outra Paragem ...", *O Diabo*, 27.6.1937, p. 12.

38 – **Abel Salazar** "Outra Paragem ...", *O Diabo*, 27.6.1937, p. 12.

39 – **Abel Salazar** "Um Parentesis ...", *O Diabo*, 9.5.1937, p. 2.

40 – *Ibid.*

41 – **Abel Salazar** "Outra Paragem ...", *O Diabo*, 27.6.1937, p. 8.

42 – **Abel Salazar** "A Ciência, o sentimento da vida e a atitude emotiva do Homem", in *O Diabo*, 13.9.1936, p. 3.

43 – **Abel Salazar** "Outra Paragem ...", *O Diabo*, 27.6.1937, p. 8.

44 – **Abel Salazar** "A Ciência, o sentimento da vida e a atitude emotiva do Homem", in *O Diabo*, 13.9.1937, p. 3. Cf. **Hans Reichenbach**, *L'atome et cosmos*, trad. por Maurice Lécat, Paris: Flammarion, 1933, p. 10.

45 – **António Sérgio**, "Pequeninos pontos que o acaso vai trazendo, e que submeto à meditação de jovens amigos que planeiam uma obra de vulgarização", in *Seara Nova*, nº 509, 13.5.1937, pp. 103 a 107.

46 – *Ibid.*, p. 106.

47 – *Ibid.*, p. 104.

48 – *Ibid.*

49 – *Ibid.*

50 – *Ibid.*

51 – *Ibid.*

52 – *Ibid.*, p. 105.

53 – António Sérgio, "Factos e documentos – Ainda a vulgarização", in *Seara Nova*, nº 517, 10.7.1937, pp. 257-258.

54 – António Sérgio, "Factos e documentos – Ainda a vulgarização", in *Seara Nova*, nº 511, 27.5.1937, p. 122.

55 – *Ibid.*

56 – *Ibid.*

57 – Não se julgue pelas réplicas de Abel Salazar a Sérgio n' *O Diabo* e no *Sol Nascente* que o histologista portuense recebeu fazê-lo na *Seara*. De modo nenhum. Logo após a primeira interpelação do seareiro, escreveu-lhe um postal e uma carta, solicitando-lhe a oportunidade de lhe responder na *Seara*. António Sérgio não pôs qualquer objecção a isso, acrescentando mais algumas considerações ao problema em discussão na seguinte carta que lhe escreveu, s.d.:

Meu prezado Amigo

Com muito gosto publicarei na *Seara* a sua resposta, em fragmentos se fôr muito grande. Em minha fraca opinião, foi mau que repetisse a frase do Petzhold, porque ela é falsíssima; esses juízos sumários, num domínio tão subtil como o da Filosofia, afiguram-se-me péssimos, e deseducativos para o público, a quem devemos habituar, pelo contrário, à precisão e à exactidão. Quanto mais atrasado estiver o público, mais exigências de exactidão e de prudência intelectual devemos ter.

Isto como resposta ao seu estimado postal. Pelo que toca à carta, vejo nela dois assuntos: 1º – o da minha atitude, presente ou futura, perante o empirismo lógico; 2º – da sua vulgarização do mesmo empirismo.

– Quanto ao primeiro, vejo que supõe que as minhas discordâncias com respeito ao empirismo lógico só podem provir da minha ignorância do assunto, e que bastaria que eu lesse os respectivos autores para mudar de atitude: o que talvez não seja absolutamente a verdade, ou toda a verdade.

– Quanto ao segundo, os artigos de vulgarização do meu prezado amigo que tenho lido não são (como me parece que deveriam ser) exposições *fundamentadas e críticas*, mas puras apologias, como quem prega os dogmas duma religião nova. Na sua carta reconhece que entre os empiristas lógicos há divergências: pois porque o não diz *ao público*, em vez de lhe dar a impressão de que se trata de um movimento uno, incontestável, absolutamente seguro e triunfante?

São as dúvidas que submeto ao seu nobre e fino espirito.

Um abraço do seu

António Sérgio" (in **Abel Salazar**, [Inéditos], B.G.U.M., misc. nº 32980, pp. 80-81v.).

Como vemos, Abel Salazar não se eximiu a responder a Sérgio na *Seara* (como, aliás, acabou por o fazer); se o não fez antes das réplicas que apareceram no *Diabo* e no *Sol Nascente*, dever-se-á, talvez, à disponibilidade que estes dois últimos periódicos mostraram para a publicação imediata das suas refutações.

58 – A propósito da alegada ignorância do empirismo lógico por Sérgio afirmada pelo histologista portuense no *Sol Nascente*, além das réplicas que o seareiro lhe endossou na *Seara* e no *Diabo*, enviou-lhe, ainda, uma carta particular onde lhe disse o seguinte:

"Meu prezado Amigo

Tem esta por fim

1º Agradecer-lhe o seu postal;

2º Afiançar-lhe que me surpreendeu, mas não me magoou absolutamente nada a sua absurdíssima hipótese, formulada e proclamada no último número do *Diabo*, de que eu ignoro coisas que estou fartíssimo de conhecer há muitos anos – como todos os homens medianamente cultivados, caramba! (já entreguei na redacção a resposta ao artigo);

3º Dizer-lhe que o considero com os dotes necessários para uma boa obra de vulgarização, desde que queira mudar de *tom* (passando do tom apologético para

o tom explicativo) e pensar cuidadosamente nas exigências metodológicas da vulgarização:

4º Confessar-lhe que o tom que até agora adoptou – e a estreiteza sectária desse tom – me parecem comprometer e desvirtuar uma bela causa, dando como resultado ser a sua campanha *contraprudente*. Esse tom tende a tornar dogmático (ao que parece) os seus leitores.

Peço-lhe que leia com objectividade os meus artiguinhos (na *Seara* e no *Diabo*) e que abandone a absurda ideia de eu ignorar o que consta dos livros e folhetos que tem citado de Carnap, Neurath, Schlick, Reichenbach, Borel, Langevin, etc. etc., porque tal ideia não poderá senão desencaminhá-lo cada vez mais.

Aliás, estou quase certo que acabará por me dar razão.

Um afectuoso e sincero abraço do

Admirador e amigo

António Sérgio" (in **Abel Salazar**, [Inéditos], B.G.U.M., misc. nº 32980, pp. 84 e 84v.).

59 – **António Sérgio**, "Factos e documentos – Explicação e reprovação de uma desmesura própria", in *Seara Nova*, nº 519, 24.7.1937, p. 289.

60 – Apud **António Sérgio**, "Em torno de um complicado caso de consciência", in *Seara Nova*, nº 542, 1.1.1938, p. 338.

61 – **Ibid.**

62 – **Ibid.**, p. 337.

63 – **Fernando de Castro Pires de Lima** (in "O pintor Abel Salazar", *Lusíada* (Porto), vol. 1º, nº 2, Novembro de 1952, p. 130) diz que "a simplicidade do Mestre era tão impressionante como a sua ingenuidade"; por seu turno, **Diogo de Macedo** diz que nunca encontrara um amigo "em desacordo com tanta delicadeza, com tanta inteligência, nem com tanta sensibilidade" (in *O Primeiro de Janeiro*, 5.2.1947, p. 3); e **Alberto Saavedra** diz que o histologista português, pese embora o seu aspecto aparentemente fechado e carregado "irradiava gentileza, afabilidade, prestabilidade" (in *Notícias de Guimarães*, 25.6.1967, p. 7).

64 – **Abel Salazar** [Inéditos], B.G.U.M., misc. nº 32980, p. 91. Numa destas cartas, s.d., enviadas a Braz-Burity, indicou algumas razões que o levaram a atacar Sérgio (*Ibid.*, p.153). Numa outra carta a Ruy Luis Gomes é mais explícito: queixa-se a este de Sérgio o acusar de difundir ideias falsas e infundamentadas e de não publicar na *Seara Nova* a refutação dessas afirmações; enquanto o seareiro o não fizesse, Abel Salazar informava o seu amigo de que não acederia às tréguas solicitadas por Bento Caraça e Pulido Valente (Ver [Inéditos], B.G.U.M., misc. nº 32989, p. 18).

65 – Assim o ficamos a saber por uma carta de 12.7.1937, enviada por **Cristiano Lima**, redactor d'*O Diabo* a Abel Salazar (in **Abel Salazar** [Inéditos], B.G.U.M., misc. nº 32980, p. 93).

66 – In **Abel Salazar**, [Inéditos], B.G.U.M., misc. nº 32980, p. 90. Também Sérgio nos refere que a decisão de pôr termo ao conflito foi sua (in "Em torno de um complicado caso de consciência", *Seara Nova*, nº 542, 1.1.1938, p. 338); peripécias deste recurso de Sérgio aos seus amigos são narradas por Jaime Brasil numa carta, s.d., enviada ao histologista português (in [Inéditos], B.G.U.M., misc. nº 32980, p. 101).

67 – Apud **Abel Salazar**, [Inéditos], B.G.U.M., misc. nº 32980, p.90.

68 – Esta amizade é evocada por Jaime Brasil em algumas das cartas que enviou a Abel Salazar (in [Inéditos], B.G.U.M., misc. nº 32980, pp. 99 e 101); amizade que lhe era retribuída por Sérgio que se lhe refere, numa carta a Abel Salazar como "o estimabilíssimo e admirável Jaime Brasil, de quem sou muito amigo" (in **Abel Salazar**, [Inéditos], B.G.U.M., misc. nº 32980, p. 85).

69 – **Abel Salazar**, [Inéditos], B.G.U.M., misc. nº 32980, pp. 72-73.

70 – **Idem** [Inéditos], B.G.U.M., misc. nº 32980, pp. 95-96.

71 – **Idem** [Inéditos], B.G.U.M., misc. nº 32980, pp. 77-79.

72 – Ver a nota deste *Núcleo* publicada na *Seara Nova*, nº 539, 11.12.1937, p. 235.

73 – Publicado no *Sol Nascente*, nº 22, 1.1.1938, pp. 4-5.

- 74 - *Ibid.*
- 75 - Cf. **António Sérgio**, "Cartesiano ideal e Cartesiano real" (*Seara Nova*, 10.7.1937, pp. 243-47, 24.7.1937, pp. 285-88 e 31.7.1937, pp. 307-9). **Sérgio** contestará essa influência na "Resposta a uma consulta", in *Seara Nova*, nº 544, 15.1.1938, pp. 365-66.
- 76 - Cf. **António Sérgio**, *Ensaios*, vol. 3º, Lisboa, Edições Sá da Costa, 1972, pp. 272. Cf. com **R. Carnap**, *L'ancienne et la nouvelle logique*, Paris, Hermann & Cie, 1933, pp. 15 e ss.
- 77 - **António Sérgio**, "Em torno de um complicado caso de consciência"; in *Seara Nova*, nº 542, 1.1.1938, pp. 337 a 340.
- 78 - *Ibid.*, p. 338.
- 79 - Esta carta é publicada por **Sérgio** na *Seara Nova*, nº 542, p. 337.
- 80 - **Abel Salazar**, "Pela segunda vez a António Sérgio", in *Sol Nascente*, nº 23, 15.1.1938, pp.4-5.
- 81 - **Abel Salazar**, "Uma carta do sr. dr. Abel Salazar", in *O Diabo*, 16.1.1938, p. 5.
- 82 - **Abel Salazar**, "Uma carta do Dr. Abel Salazar", in *Sol Nascente*, nº 24, 1.2.1938, p. 14.
- 83 - **Abel Salazar**, "A revolução científica e filosófica do século XX", in *Esfera* (Rio), Ano I, nº 2, Junho de 1938, p. 19.
- 84 - [**Abel Salazar**], "A Cultura científica", in *O Diabo*, 28.8.1938, p. 3.
- 85 - **Abel Salazar**, "A revolução científica e filosófica do século XX", in *Esfera*, Ano I, nº 2, Junho de 1938, p. 19.
- 86 - [**Abel Salazar**], "A Cultura científica", in *O Diabo*, 28.8.1938, p. 3.
- 87 - *Ibid.*
- 88 - *Ibid.*; *Idem*, "A vulgarização científica e filosófica do século XX", in *Esfera*, vol. 1, nº 3, Julho de 1938, pp. 61-62.
- 89 - *Ibid.*, vol. 1, nº 2, Junho de 1938, p. 19.
- 90 - [**Abel Salazar**], "A Cultura científica", in *O Diabo*, 28.8.1938, p. 3.
- 91 - **Abel Salazar**, "A revolução científica e filosófica do século XX", in *Esfera*, vol. 1, nº 3, Julho de 1938, p. 61.
- 92 - *Ibid.*
- 93 - *Ibid.*
- 94 - *Ibid.*, p. 62.
- 95 - *Ibid.*
- 96 - *Ibid.*
- 97 - [**Abel Salazar**], "A Cultura científica", in *O Diabo*, 28.8.1938, p. 3.
- 98 - *Ibid.*
- 99 - **Abel Salazar**, "A cultura e o pensamento actual", in *Síntese* (Coimbra), Ano I, nº 1, Fevereiro de 1939, pp. 3-5; **António Sérgio**, "Cultura", in *Síntese*, Ano I, nº 1, Fevereiro de 1939, pp. 30-31.